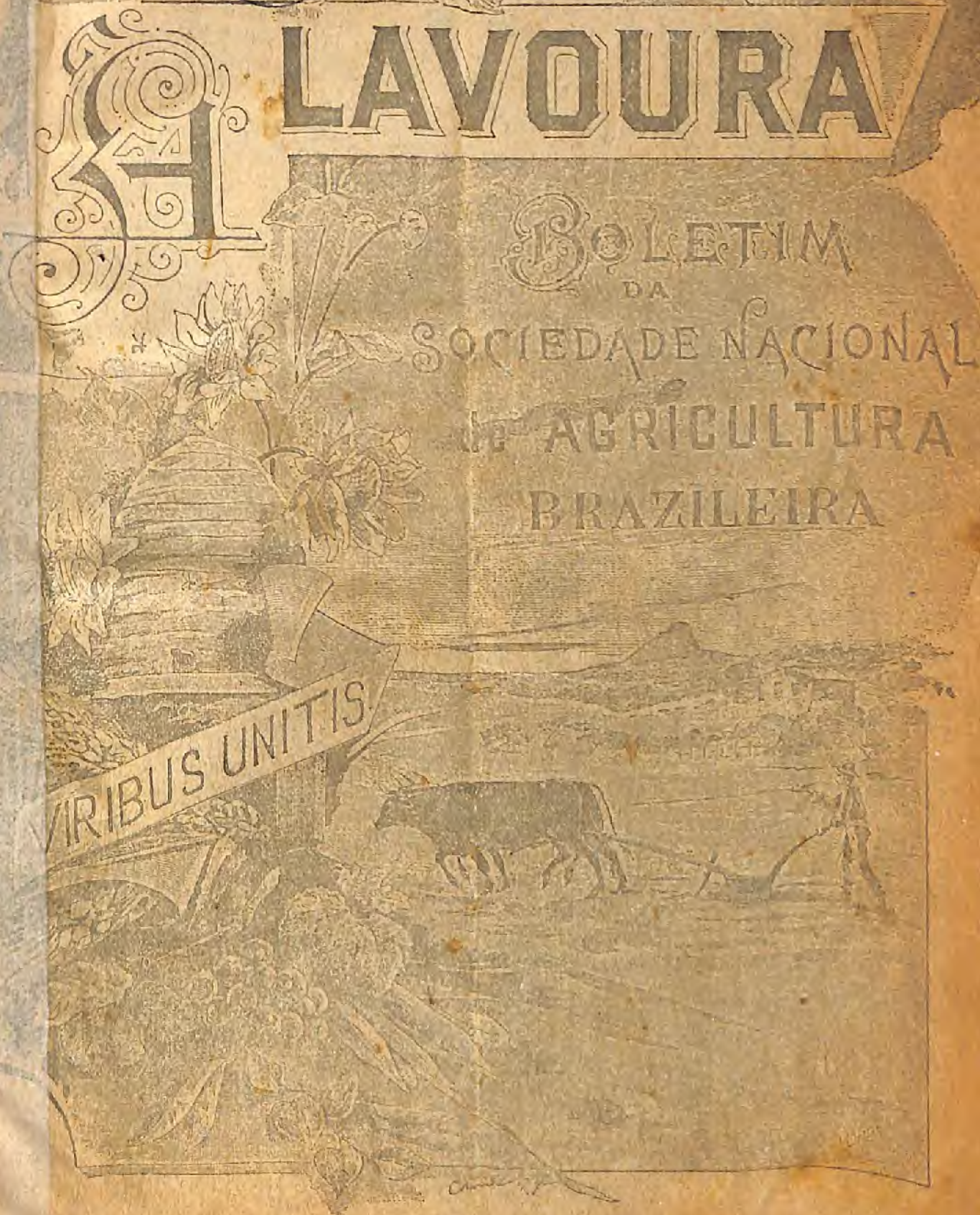




COMMISSÃO DE REDACÇÃO

DR. FABIO LEAL, *Presidente*

DR. GERMANO VERT, *Secretario*

DR. AD. MORALES DE LOS RIOS	DR. HONORIO A. RIBEIRO
ALBERTO DE A. J. JACOBINA	DR. JOAQUIM CARLOS TRAVASSOS
ANTONIO DE MEDEIROS	DR. PHILIPPE ARISTIDES CAIRE
DR. D. SERGIO DE CARVALHO	DR. SALVADOR BARRADAS
DR. FONSECA HERMES	DR. W. A. L. DE OLIVEIRA BELLO

A Comissão de Redacção não se responsabilisa pelas opiniões emitidas em artigos assignados, e que serão publicados sob a exclusiva responsabilidade dos autores.

A Comissão de Redacção é a unica competente para acceitar e mandar publicar communicações e collaborações.

Os manuscriptos não publicados não serão restituídos.

As communicações e correspondencia devem ser dirigidas á Comissão d'A LAVOURA.

SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA

PRAÇA QUINZE DE NOVEMBRO

CAIXA DO CORREIO 1245

Condições da publicação dos annuncios

1 pagina.	30\$000
$\frac{1}{2}$ »	15\$000
$\frac{1}{3}$ »	10\$000

Tiragem 5000 exemplares

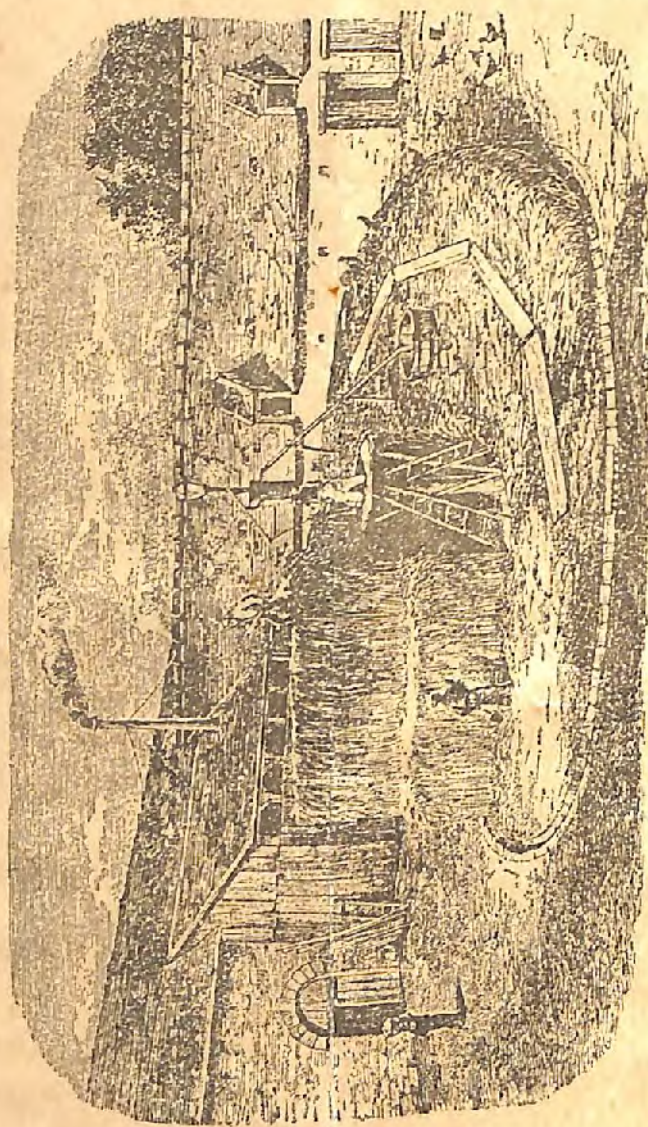
A LAVOURA

III

2ª SÉRIE

1º ANNO - 1899

IMPRESA NACIONAL



ESTRUMEIRA, EM PLATAFORMA CONVEXA, DE UMA *ferme* DA FRANÇA

A LAVOURA

BOLETIM

DA

SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA

PUBLICADO

SOB A DIRECÇÃO DA COMMISSÃO DE REDACÇÃO

DR. FABIO LEAL, *Presidente*

DR. GERMANO VERT, *Secretario*

DR. AD. MORALES DE LOS RIOS.

ALBERTO DE A. F. JACOBINA.

ANTONIO DE MEDEIROS.

DR. D. SERGIO DE CARVALHO.

DR. FONSECA HERMES.

DR. HONORIO A. RIBEIRO

DR. JOAQUIM CARLOS TRAVASSOS

DR. PHILIPPE ARISTIDES CAIRE

DR. SALVADOR BARRADAS

DR. W. A. L. DE OLIVEIRA BILLO

2ª SÉRIE

1º ANNO - 1899

RIO DE JANEIRO

NA SÉDE DA SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA

PRAÇA QUINZE DE NOVENBRO (LARGO DO PAÇO)

CAIXA DO CORREIO N. 1245

DIRECTORIA

DA

SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA

1899

Presidente	DR. J. C. DE MOURA BRASIL
1º vice-presidente	DR. A. J. CAMPOS DA PAZ
2º vice-presidente	DR. J. C. TRAVASSOS
Secretario geral (interino).	DR. W. A. L. DE OLIVEIRA BELLO
1º secretario	DR. EURICO JACY MONTEIRO
2º secretario	DR. PH. ARISTIDES CAIRE
1º Thesoureiro	DR. FABIO N. LEAL
2º Thesoureiro	DR. BARÃO DE AGUAS CLARAS

A LAVOURA

PUBLICAÇÃO MENSAL

BOLETIM DA SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA

A LAVOURA

Entra o nosso Boletim no seu 3º anno de existencia, tendo percorrido, nos dous anteriores, os estadios de maior difficuldade, rompendo pela indifferença habitual dos nossos concidadãos e pela indolencia da nossa propria lavoura.

Mas nosso esforço não foi inutil, embora tenhamos de confessar que mais á afflictiva crise, que acabrunha a lavoura, do que aos nossos ingentes esforços, deva a patria o movimento geral que se produz na lavoura nacional; o que conseguimos, e o podemos dizer sem vaidades, que não são cabidas nesta ordem de serviços patrióticos, nem ufantias, porque ha muito mais a fazer e apenas encetamos os nossos trabalhos, foi dar uma certa orientação a esse movimento, em bem da reforma dos habitos e costumes da nossa lavoura, e intuitos scientificos aos novos trabalhos que se tem emprehendido.

Conseguimos impôr á lavoura do paiz a reflexão sobre os problemas agricolas, sobre a parte economica de suas culturas, sobre o valor da união dellas no só pensamento do estudo de suas necessidades e dos meios de as resolver, por si mesma, exigindo apenas leis de garantia á effectividade de seus direitos.

Cresce todos os dias a nossa correspondencia, quer para o exterior, quer para o interior do paiz, e avultam de dia a dia as consultas, as visitas a nossas reuniões, os pedidos do boletim, cuja tiragem dentro em pouco terá de ser muito elevada.

Os proprios poderes publicos da União e dos Estados ouvem-nos attenciosos, e, sollicitos, procuram auxiliar-nos, sem que usemos as influencias estranhas á Sociedade.

No anno que corre, tivemos de abrir lucta contra o *phylloxera* e contra a *molestia dos suinos*, e, aos nossos brados, despertou-se a attenção geral, dos poderes publicos, que nos tem facilitado tudo quanto temos tido necessidade, da lavoura, por avisos, agasalhado fidalgo aos nossos incumbidos do estudo dos males, que se apresentaram a augmentar os nossos flagellos agricolas.

A campanha não foi sem resultados praticos. Foi verificada a importação do *phylloxera* e a existencia da molestia dos suinos.

Auxiliados pelos poderes estaduaes, conseguimos combater em grande parte o mal da vinha pelo arrancamento e queima dos bacellos atacados, e estamos em activo estudo bacteriologico da molestia dos suinos.

Agora, mesmo, percorre o nosso infatigavel vice-presidente, o Dr. Campos da Paz, em visita aos vinhedos da região de Caldas, Caracões e S. João da Boa Vista, e, logo que possa, a Sociedade terá este serviço organizado regularmente e por maneira que não falte a lição, quando fôr ella necessaria aos praticos.

O nosso Boletim continuará a sair uma vez por mez, com 32 paginas, tendo de tres em tres mezes o expediente e as actas em folheto separado, além dos folhetos das conferencias que continuarão a sair em tempo opportuno.

A EXPLORAÇÃO AGRÍCOLA NO BRASIL

De todas as difficuldades com as quaes tem de lutar o agricultor brasileiro, a maior e mais custosa de vencer, hoje em dia, é a organização economica da sua exploração. Educado sob um regimen cultural, cujos recursos não respondem mais ás exigencias da situação presente, falta-lhe, senão a vontade, pelo menos a experiencia que o possa guiar no terreno virgem e desconhecido para o qual se acha elle arrastado pelos acontecimentos.

Ha poucos annos ainda, a lavoura não apresentava grandes difficuldades.

A questão de salarios reduzia-se á remuneração dos cabeças da cultura: administradores e outres. O mais, gado humano, que a fazenda mesmo sustentava, se achava sujeito ás condições economicas do gado em geral; não tinha mais exigencias.

Com elle, a contabilidade era pouco complicada. O bom administrador mantinha-os em perfeito estado para delles tirar a maior somma de trabalho util; não exigindo de cada um senão o que podia dar, segundo as suas forças, não deixava contudo braço inactivo, que fôra capital improductivo; amortisava enfim cuidadosamente o seu valor, para obviar á depreciação forçada da velhice, que os transformava em valor negativo, assim como aos desvalores fortuitos, como fuga ou doença. A fazenda não sómente produzia, além das colheitas commerciaes e remuneradas, como manter o seu gado lavrador, bipede e quadrupede, invalido ou em estado de serviço, mas ainda um excesso de mantimentos como reserva ou como rendimento auxiliar para fazer frente ao imprevisto.

Hoje, as condições são muito diversas. Acha-se o fazendeiro na posição de um cultivador, que, tendo organizado a sua exploração para lavar com o gado proprio, vê-se de repente forçado a lavar com animaes alugados. Não fizera entrar nos calculos a despesa desse elemento que a propria terra sustentava á custa das sobras do seu trabalho util. De um dia para outro, sem que nada mudasse no resto, tal despesa recabe, exagerada ainda, sobre a receita bruta, que não fôra calculada para isso. É muito difficil, em tal caso, que o equilibrio não esteja rompido, e que os lucros continuem effectivos. De mais a mais, quando a esta primeira circumstancia menos favoravel, se ajunta a carestia dos animaes, consequencia forçada da mudança de regimen.

Se fôra penosa a situação desse cultivador, quanto mais a do nosso fazendeiro. Afôra a despesa, as condições do trabalho mudariam pouco, do gado proprio ao alugado. No seu caso, porém, tudo muda. Não ha comparação possivel entre o gado humano que possuia elle e o trabalhador livre ao qual elle tem de recorrer; todos fizeram a penosa experiencia dessa cruel verdade.

Substituto qualquer, que permita continuar em boas condições a velha rotina do passado, não o encontraremos. A França, a Inglaterra, a Allemanha podem achar nas suas possessões da Africa, da Asia e da Oceania indigenas que os contratos assimilam, mais ou menos, com denominações mais philantropicas, aos nossos antigos trabalhadores de antes de 13 de maio. Nós, que os deveriamos importar, não podemos contar com elles; é facil comprehender porque.

Dos chins e do seu trabalho barato peçam noticias aos Estados Unidos e á Australia; peçam mesmo aos poucos fazendeiros que tiveram a sorte de os receber em pequena quantidade, por sua e nossa felicidade.

E' necessario abrir decididamente os olhos, e persuadir-se bem de que o passado é passado, que nada poderá resuscitar. Em vez de lutar esterilmente para sustentar, de um modo puramente artificial, uma situação que não tem mais vitalidade, e de procurar galvanisar um cadaver, fechemos de vez o capitulo e façamos nova vida para novos tempos.

Temos recursos para viver, mesmo para prosperar. A crise actual provém unicamente da orientação errada que teimamos em seguir. Ha um caminho certo pelo qual alcançaremos o successo. Bastar-nos-á examinar séria e despreoccupadamente os recursos e os encargos das nossas explorações ruraes, e de organisal-as de accordo com os resultados economicos desse exame, sem preferencia irracional para tal ou tal cultura, e sacudindo de vez o misonismo cego e rotineiro, tão prejudicial aos agricultores.

De todas as condições de successo, impostas ao fazendeiro, a primeira, pela sua importancia, é a da morada na fazenda. E quanto maior é esta, tanto mais necessaria é a sua presença.

Deixo no silencio os argumentos tirados de influencia da fiscalisação directa e incessante sobre a prosperidade da exploração, porque são logares communs muito rebatidos. Outros ha, muito valiosos tambem.

Não póde, uma familia de uma certa categoria, viver constantemente em um lugar, sem espalhar em volta de si bem estar e conforto.

A sua presença é um attractivo para essa população de trabalhadores ruraes, fluctuante por necessidade e porque não acharam ainda quem os saiba prender ao solo, mas que está sempre prompta a lançar raizes, desde que apparece uma probabilidade de estabilidade e uma garantia de socego. Este é um dos principaes motivos pelos quaes as pequenas explorações encontram, em geral, melhores e mais numerosos trabalhadores proporcionalmente do que as grandes; é que, em geral, o dono reside nellas.

Sentem os trabalhadores instinctivamente, e sabem por experiencia, que alguns abusos que podiam apparecer com a administração de um estranho mostrar-se-ão mais difficilmente em presença do dono da casa.

Se o rigor é maior, ás vezes, na repressão de certos factos, ha, como compensação, certas regalias, que só o fazendeiro, que conhece bem o seu pessoal, póde conceder. E são justamente esses pequenos favores que prendem os homens.

Economicamente, enfim, os resultados são immensos; é isso tão evidente que nem precisamos insistir.

Ha, bem o sei, o capitulo das distrações e divertimentos, das relações, etc.. Ha tambem as obrigações de familia ou de politica, as occupações, e tantos outros laços sociaes que podem tornar indispensavel a presença nas cidades.

Nesse caso, a conveniencia do dono da terra é de se desinteressar da cultura. Um bom arrendamento vale muito mais do que uma má producção; o trabalho é menor, e, tudo compensado, o lucro é maior e mais certo.

E' necessario que os grandes proprietarios ruraes comprehendam bem que a agricultura é uma industria exclusiva, que não soffre partilhas. E' com ella, sobretudo, que não se póde fazer duas cousas a um tempo. Querendo ser agricultor, é preciso *casar com a terra*, e dedicar-lhe sem excepção o seu tempo e os cuidados, sob pena de não produzir senão agua chila.

Quem não sentir a coragem de fazel-o, renuncie á velleidade, que não o poderá levar senão á ruína.

Não basta, porém, ter amor á terra, e vontade de se dedicar á sua cultura. E' necessario calcular bem as condições dessa cultura, para della tirar o melhor proveito.

E' o que, por infelicidade, a mudança violenta e repentina, que feriu a nossa lavoura, não deixou bem claro e patente, e o que nos vamos esforçar de esclarecer.

A cultura mais importante do Brasil tendo sido até agora a do café, principiaremos por ella o nosso exame.

Não hesitamos, de principio, a condemnar *in limine* as fazendas de café como estão ainda organisadas. Nas actuaes condições economicas, a fazenda não deve ser mais que um engenho central de beneficiar o café, intermediario entre o productor e o commissario. A cultura do café, como já o dissera eu na imprensa diaria ha alguns annos, como grande cultura, é inseparavel do braço escravo; com o livre, deve ser reduzida á pequena cultura, feita em maior ou menor escala, mas com todos os processos da pequena cultura.

Como a parreira, o cafeeiro requer trabalhos minuciosos, dispendiosos de mais para a grande cultura tal como a podemos praticar.]

Com elle, todo o trabalho é braçal. Poder-se-á, provavelmente, organizar uma capina mechanica, que simplificará as lavouras, diminuindo as exigencias em cavadores; não será possivel supprimil-os inteiramente.

E não são as capinas, as operações mais delicadas da cultura racional do café.

Não fallo, de certo, da cultura como se fazia antigamente, cultura cujos beneficios estão bem patentes na maior parte da superficie do outr'óra floréscnte Estado do Rio de Janeiro.

Sem querer entrar em pormenores que não cabem aqui, posso assignalar como da primeira importancia, para a saude da planta e a abundancia das safras futuras, a póda e a colheita.

Pois bem! Justamente essas duas operações bem feitas, são, a bem dizer, incompatíveis com os nossos processos de grande cultura.

Deixo a póda, muito raramente applicada. Assisti a algumas colheitas de café, em varias fazendas do Estado do Rio e regiões visinhas de S. Paulo e de Minas Geraes.

Não posso dar idéa do estado de tristeza e de lastima de que me achei possuido. E' preciso mesmo ser callejado pelo costume para ver isso de sangue frio.

Com esse systema de colheita a todo o vapor, nem se respeitam os botões das safras futuras.

Em um anno colhe-se ou estraga-se a safra de dous ou tres. E isso porque o colhedor é um assalariado, que se paga por cestos de cerejas colhidas, e cujo lucro está, não em poupar a planta, que não é delle, mas em colher o mais depressa possivel, e com a maior quantidade possivel de folhas, que fazem maior volume.

Sei que ha um regulamento em que está estabelecido o maximo de folhas que póde existir em cada cesto. Mas esse regulamento não concerta os galhos quebrados, os gomos arrancados, os botões cegados e o cafesal maltratado como por um cyclone.

Poder-se-á prodigalisar os adubos, chimicos ou não chimicos, que serão elles impotentes para compensar a devastação.

Emquanto não doer a fazenda ao colhedor, enquanto fôr elle um assalariado, puxado em sentido contrario, de um lado pelo interesse, do outro pelo respeito para um regulamento, seja elle qual fôr, é necessario contar que será o interesse quem fará

pende a balança, e que o administrador, por mais consciencioso e dedicado que seja, se verá forçado a fechar os olhos para não perder de vez trabalhadores muito difficeis de substituir. E a colheita continuará misturando verde e maduro, com grande prejuizo, não sómente do cafeeiro, mas da qualidade mesma do café, que se vê de peor a peor cotado todos os annos.

Ora, não é occasião para isso. Enquanto teve o Brasil o quasi monopolio do café, não tinham, um ou outro senão grande influencia sobre a renda que podia elle produzir. Hoje em dia, porém, que temos de lutar com meio mundo, tendo aliás inferioridade da mão de obra, o negocio muda de face.

Com os cuidados minuciosos exigidos pela cultura do café e a carestia da mão de obra, não ha meio termo. Ou devemos de vez cortar no vivo e abandonar uma industria que não póde produzir senão a ruina e miseria, ou precisamos organizar differentemente a exploração.

O cafetal, cedido em plena propriedade ou arrendado a longo praso ao colono, em superficie mais ou menos calculada segundo as suas posses materiaes, isto é, os braços que representa a sua familia, este não terá mais na cultura os obstaculos que encontra o fazendeiro.

Esse fazendeiro, por sua vez, limitando-se á manipulação do café já colhido, poderá dedicar todo o seu cuidado a reformar a sua qualidade e mostrar-se mais exigente para a sua excolha.

Terá mesmo elle muito maior influencia sobre a propria cultura e conseguirá mais facilmente a sua reorganisação racional e scientifica, impondo as necessarias modificações ao colono proprietario ou arrendatario, do que tendo de passar pelas vontades, quasi sempre mais ou menos abertamente contrarias, de administradores e assalariados endurecidos em uma velha rotina.

Se duvidarem, estudem a cultura da beterraba assucareira na França. A questão tem numerosas analogias com a que acabamos de tratar; maiores ainda com a da cultura da canna de assucar; e não podemos recommendar de mais aos interessados um estudo que lhes ha de trazer grandes e numerosos proveitos, ensinando-lhes o seu verdadeiro caminho.

Nella se applicou, em todo o seu rigor, a divisão do trabalho e a especialisação da função, sem a qual não ha, hoje, industria rendosa, e, digamos mais, trabalho bem acabado e perfeito.

Um, produz a semente; um segundo planta, outro extrahe o assucar; outro ainda, differente ou não do fabricante de assucar, aproveita os residuos.

E com tantos interessados, com um exercito tão numeroso empenhado em produzir o assucar, apesar da inferioridade da materia prima, chegam a produzi-lo a preços com os quaes não podemos competir, e a tirar para cada um lucros que nem podemos sonhar para nós.

Além de tão proveitosa lição, verão, nesse estudo, como o *refinador*, o industrial assucareiro, chega a modificar á sua vontade a cultura, muito melhor do que se campos e braços fossem seus, e sem a hesitação que poderia talvez o estorvar, se com effeito fossem seus. Terra, semente, variedade da planta, adubos, lavra: tudo está regulado do modo mais minucioso e com o maior rigor, sem que haja um cultivador que se lembre de procurar escapar a essas imposições, ás quaes elle obedece com tanto maior boa vontade, que braços e campos são seus e que effectivamente *lhe dóe a fazenda*.

Não ha minucia de cultura que lhe repugne; não ha detalhe desprezado ou desconhecido. Não seria elle que teria a paciencia de olhar de braços crusados a peste,

mais ou menos nematoide, devorando os seus plantios, porque elle, o amante da terra, que tem por ella os ciumes do avarento pelo seu ouro, sabe muito bem, contudo, que ella não vale senão pelo que produz, e que o poderoso senhor de muitas leguas de terras incultas e exgottadas é mais pobre do que o negro forro, que só possui algumas braças de terreno, mas que dellas tira as verduras de que se alimenta.

Repetimol-o, portanto: o caminho está claramente traçado para o capitalista rural, o grande proprietário de cafesaes e mesmo de cannaviaes.

A exploração directa é ruínosa, ou não rende em proporção dos encargos e das responsabilidades.

Se, possuido ainda pela superstição da *grande fazenda*, e não comprehendendo que é esse justamente o peso inutil sob o qual está esmagada a nossa lavoura, elle quizer conservar a integridade da terra, arrende, mas a longo praso, e deixando ao rendeiro a illusão da posse effectiva, sem a qual o colono não se apegará, não creará nunca raizes no lugar. Reserve-se elle, porém, á manipulação da colheita, e que a fazenda, transformada em engenho central, localise e monopolise as safras.

Assim, desempenhado da cultura propriamente dita, poderá melhor equilibrar os seus orçamentos.

Emquanto que, por sua vez, o colono, que poderá aproveitar todo o tempo e todos os braços, sem preocupação de salario immediato, obterá resultados aos quaes nunca teria chegado o fazendeiro.

Se, deixando essas culturas especiaes, quizer, porém, o fazendeiro se entregar a outras, menos minuciosas, os negocios mudarão de figura. Mas será com a unica condição de adoptar, sem restricção, todos os processos da grande cultura, e de eliminar das suas lavouras toda a planta que os não aceitar.

Lavoura mecanica, nos valles e terrenos dobrados; lavoura a vapor mesmo ou lavoura electrica, nas planicies que se prestarem a ellas, quando fõrem essas lavouras mais economicas; suppressão mais absoluta possivel dos braços, nos trabalhos arvenses; aproveitamento de todos os recursos locais; tal é o seu programma, nas suas grandes linhas.

Adoptado o plano, accita a condição *sine qua non* da residencia, numerosas serão as fontes de boas e rendosas colheitas. Restará apenas a difficuldade da applicação.

G. V.

SERICICULTURA

O BICHO DE SEDA INDIGENA

Dando aqui abaixo a traducção da carta, que acabo de receber de Charles Naudin, faço um vehemente appello á todos os patricios de boa vontade afim de ajudarem-me á satisfazer o pedido, que me dirige o venerando homem de sciencia, o mais velho membro do Instituto de França.

Tendo vindo de Curityba a amostra da nossa seda, que enviei ao eminente naturalista, é ás Sociedades de Agricultura do Paraná que dirijo mais particularmente o appello.

Charles Naudin já está com 90 annos. E' uma das mais puras glorias da sciencia franceza; e é ao mesmo tempo o maior entusiasta e o melhor amigo do Brasil. Um dos mais illustres precursores de Darwin, é o ultimo representante que resta da grande

pleiade de sabios do primeiro terço deste seculo, que se interessaram pelas cousas do Brasil. Dilecto discipulo de Auguste Saint-Hilaire, que aqui esteve em 1836, herdou elle do grande mestre o fanatismo pela Flora Brasileira. Decano dos botanicos europeus, a sua especialidade é o estudo e a classificação das nossas plantas. Ninguém melhor do que elle conhece, hoje, a nossa climatologia e a nossa Flora. A sua palavra auctorizada a nosso favor vale actualmente milhões. Ha d'elle a phrase : « De todos os paizes productores de café, o Brasil é o unico que gosa de excellente clima e dos mais favoraveis para a habitação do europeu. »

Quando, de todos os lados, os nossos adversarios procuram deprimir-nos e afugentar das nossas plagas a corrente immigratoria, é um grande, um inestimavel consolo encontrar tão mascula defesa por parte de uma das mais solidas columnas da sciencia contemporanea.

Aos 90 annos de idade, o venerando sabio deseja possuir o nosso bicho de seda nacional, entreendo a possibilidade de fazer d'elle uma grande fonte de renda, que será talvez o seu ultimo legado á sua querida França.

Entre nós ninguém cogita em utilizar essa seda, que Naudin qualifica de *maravilhosa*; e, do modo por que vão as cousas, dentro em breve o nosso bicho de seda indigena terá talvez desaparecido.

Antes que se consumma a catastrophe, e já que a França está prompta para recolher o precioso animal, é nosso dever perante a sciencia e a humanidade confiar a sua salvaguarda a quem melhor está no caso de garantir-lhe a perpetuidade. Quem sabe se, mais tarde, não precisaremos pedir á França que nos restitua as sementes, que hoje lhe confiamos?

Em todo o caso, o pedido de Naudin é bem proprio para despertar toda a sorte de reflexões.

A todos aquelles que souberem onde se pôde encontrar o nosso bicho de seda (temos diversas especies), peço o grande obsequio de m'o communicar.

Eis a carta :

Villa Thuret, Laboratorio do Ensino Superior, 1º de março de 1899.

Meu caro Dr. Barretto

« Não sei como agradecer as vossas tantas larguesas, que nos são tão proveitosas quer sob o ponto de vista da sciencia pura, quer sob o da agricultura pratica.

« Entre tantos presentes, que nos fazcis, devo agradecer-vos mais particularmente o das amostras de seda brasileira, a qual é realmente maravilhosa. Vou communicar essas amostras á Sociedade de Acclimação, cujos membros se interessam no supremo gráo pelos novos bichos serigenos.

« N'este momento estamos aqui occupados com o que fornece a seda de Madagascar, seda um pouco grosseira, mas muito forte e que passa por ser incorruptivel. O bicho vive sobre o Cajan ou Ervilha d'Ambrevade (*Cajanus indicus*) (1).

« Preoccupa-nos egualmente um outro bicho do Sudão, que se alimenta com as folhas da Açofeifeira selvagem, sobre a qual suspende casulos alvissimos, mas que são difficilmente desfiaveis.

« Voltando ao bicho de seda do Brasil: uma vez que é elle polyphago e se accomoda particularmente com as folhas do mamoneiro (*Ricinus communis*), será facil creal-o na Argelia, na Tunisia e mesmo na Provença, onde o mamoneiro torna-se

(1) *Cytisus Cajanus*, LAM.; Guando.

arborescente. Mas, a que especie pertence o bicho de seda do Brasil? Se não houver em S. Paulo um entomologista versado no estudo dos lepidopteros, seria conveniente que se nos enviasse casulos e borboletas da especie, o que não é difficil. Basta collocar as borboletas com as asas em pé, em um papel dobrado em dous. Deste modo conservam-se perfeitamente bem e podem vir em quantidade em caixinhas de páo ou papellão grosso.

« Não vos seria possivel mandar-nos sementes (ovos) do bicho de seda do Brasil?

« Quanto ás sementes de trigo dos Touaregs, que me haveis pedido, já escrevi para a Algeria e Tunis, e, logo que me chegue a resposta, vol-a communicarei. — *Charles Naudin* do Instituto. » (*)

DR. L. P. BARRETO.

COLLABORAÇÃO

A TUBERCULOSE DO GADO

A conferencia que o illustre professor Nocard realisou em Buenos-Ayres sobre a tuberculose bovina e sua transmissão ao homem, mereceu os mais altos conceitos da imprensa platina, nomeadamente do conhecido órgão a *Nación* cujas columnas são prestigiadas pelo nome aureolado de Bartholomeu Mitre.

As considerações do illustre professor não se applicam exclusivamente ás regiões que lhe serviram de campo de observação, e, attento o character de generalidade de que se revestem, julgamos acertado divulgar-as em proveito daquelles que se dedicam á industria pastoril, a cuja prosperidade está adstricto o desenvolvimento de vastissimas zonas do nosso territorio.

Alludindo aos grandes estragos da terrivel enfermidade, sem duvida uma das mais funestas á vida dos animaes, o professor Nocard procurou demonstrar, com auxilio de dados estatísticos, que os males que ella occasiona se manifestam com a mesma intensidade na Europa e na America, e attribue tal situação á incuria dos creadores que não se esforçam por combattel-a com a energia e sollicitude que os seus estragos reclamam.

A tuberculose bovina é identica á do homem, e a prova desta affirmativa se verifica na identidade das lesões que o virus proveniente do organismo humano contaminado produz por inoculação no animal bovino. Se não ha experiencias que attestem que a tuberculose se transmite por contagio ao homem, pode-se, entretanto, acccitar o facto como verdadeiro, attendendo-se a que diversos veterinarios, em contacto com animaes tuberculosos, têm adquirido a enfermidade.

Numerosos exemplos de contagio podem ser citados em consequencia do uso de leite de vacas tuberculosas, perigo que, aliás, pôde ser conjurado levando-se o leite á temperatura de ebullição. O leite crú constitue, ao contrario, verdadeiro perigo, e isto se deduz de numerosas experiencias feitas sobre o caso.

(*) Soubemos infelizmente, no momento em que ia entrar no prelo o boletim, que acabava de morrer o grande sabio e sincero amigo do Brasil, o illustre Ch. Naudin, membro do Instituto.

E' com verdadeiro sentimento de lucto e pesar que a Redacção da Lavoura consigna aqui a infausta noticia.

O professor Nocard, após rigorosas experiencias, convence-se do contagio do homem para o animal, e, longe de acceitar a herança como factor principal na propagação da tuberculose, pensa que cabe ao contagio essa função morbida.

Os bois são menos predipostos a contrahir a tuberculose do que as vaccas, de sorte que, enquanto estas são atacadas na razão de 20 a 25 por cento, encontra-se um boi sobre mil accommettido do mal, o que constitue, no juizo do professor Nocard, argumento poderoso contra o theoria da herança, que considera perigosa, por indusir os creadores a se descurarem de combatter a molestia, aliás com probabilidade de exito.

A herança pathogenica, no caso em questão, está redusida a casos especiaes, sendo sufficiente, para premunir os filhos de vaccas enfermas contra o germen do mal, affastal-os do meio em que passaram a primeira infancia. Para comprovar este acerto, o eminente professor adduz dados estatisticos; cita, referindo-se á tuberculose humana, numerosos casos observados em asylos de orphãos, onde, pela applicação de medidas prophylacticas, o quociente de crianças tuberculosas ficou consideravelmente redusido.

Phenomeno identico se observa no gado bovino, sendo que, verificada a existencia da tuberculose em uma vacca, basta affastar-se della o bezerro para evitar, com toda a segurança, que este contraia a molestia. Do mesmo modo que o individuo accommettido de tuberculose se torna perigoso pelos escarros, nos animaes, o perigo principal reside nas mucosidades purulentas da bocca, as quaes, absorvidas durante muito tempo, tornam-se sobre modo prejudiciaes; pelo que os estragos da tuberculose são mais sensiveis nos animaes conservados em estabulos do que nos que vivem livremente no campo.

Diante de taes considerações, se comprehende que o meio efficaç de combatter a tuberculose é separar os animaes sãos dos doentes, e estes são facilmente reconhecidos com o emprego da tuberculina, que, não sendo um meio therapeutico, como a principio se imaginou, no inicio dos trabalhos de Koch, serve, no entanto, para diagnosticar a molestia.

Sem nutrir receios sobre a possibilidade de introduzir-se, com a tuberculina, o germen do mal no organismo são e confiando na sua importancia para o respectivo diagnostico e na innocuidade que lhe é peculiar, quando applicada a animaes sãos, o professor Nocard proclama a lymphá de Koch como um elemento seguro para estabelecer-se a prophylaxia da tuberculose bovina. No seu entender, todos os animaes devem ser submettidos á prova em qualquer exploração pastoril, conseguindo-se attenuar as devastações da terrivel molestia, separando os animaes em que se manifesta a reacção daquelles considerados sãos.

Verificada a existencia da molestia em estado incipiente, os animaes podem servir para o consumo, porque a carne só pode conter o bacillo da tuberculose quando a molestia se acha em periodo adiantado. Renovando-se periodicamente a injeccão, de 6 a 8 mezes, poder-se-ia isolar todos os animaes doentes e os creadores ficariam livres do flagello da tuberculose que tanto os prejudica.

Possam os creadores no Brasil aproveitar os ensinamentos do illustre professor e a industria pastoril colherá resultados beneficos.

S. C.

O CONGRESSO DOS LAVRADORES PAULISTAS

No dia 25 de março, conforme estava anunciado, reuniu-se em Campinas o Congresso dos lavradores paulistas constituído pelos delegados dos diversos clubs municipaes.

Compareceram os seguintes delegados : Srs. Dr. Sergio Meira, S. Manoel ; Barão de Ataliba Nogueira, Campinas ; Dr. João Zeferina Ferreira Velloso, Botucatu ; Antonio Augusto Mendes Borges, Avaré ; Dr. Tito Joaquim de Lemos, Serra Negra ; Domingos Marques da Silva Ayrosa, Serra Negra ; Dr. José Pereira Machado, Mogy-mirim ; Dr. F. de Souza Inglez, Itapira ; Dr. Honorio Olympio Machado, Batataes ; Barão do Rio Pardo, Casa Branca ; Dr. Augusto Pereira Barretto, Mocóca ; Dr. Cesario Gabriel de Freitas, Itú ; Dr. Eulogio Pitombo, Ribeirãozinho ; Vitaliano Ferraz do Amaral, Piracicaba ; Dr. Luiz Carlos de Assumpção, Tieté ; Antonio Carlos Salles, Bebedouro ; Dr. Joaquim Fernandes de Moraes Sampaio, Capivary ; João Corrêa Aranha Junior, Rio Claro ; Olympio Gonçalves Reis, Socorro ; Jacintho Pereira da Silva Barros, Jaboticabal ; Raymundo Penaforte Blacke, Jundiaby ; Dr. Amos Le Post, São João da Boa Vista ; Domiciano Leite de Assis, Jardinópolis ; coronel Joaquim Maciel de Barros, Brotas ; Eugenio Joly, Itatiba ; Salvador José de Miranda, Amparo ; Gabriel Villela de Andrade, Santa Rita do Paraíso ; Antonio Teixeira de Escobar, S. Pedro ; Arthur de Castro, Itatiba ; Dr. Jorge de Miranda, S. Simão e Santa Rita do Passa Quatro ; Dr. João de Farta, Franca ; Dr. Carlos de Sá Leite, Ribeirão Preto ; Luiz Franco do Amaral, Sertãozinho ; Dr. Theodoro Dias de Carvalho, Araraquara, Dois Corrego e Monte Alto ; Theodoro Rheder, Santa Barbara ; José de Lacerda Abreu, Santa Cruz das Palmeiras ; Dr. Adolpho Botelho de Abreu Sampaio, S. Carlos do Pinhal ; Dr. Rodrigo Lobato, Boa Esperança ;

A sessão foi muito concorrida de espectadores que enchiam o vasto salão do Club Campineiro. Notavão-se, entre as pessoas presentes, os Srs. Dr. Luiz Pereira Barretto, presidente honorario da Sociedade Nacional de Agricultura, Dr. Carlos Botelho, Antonio de Castro Mendes, Feitosa, Dr. Augusto de Queiroz, conselheiro Duarte Rodrigues, Barão Geraldo de Rezende, Dr. Antonio Carlos de Moraes Salles, conselheiro Leoncio de Carvalho, Dr. Francisco da Rocha Leite Penteado, Estanisláu Ferreira, Dr. José de Campos Novaes, Francisco de Andrada Couto, Francisco de Paula Camargo, Dr. Octaviano Marcondes, Dr. João de Assis Lopes Martins, Dr. Jambeiro Costa, Dr. Cunha Motta, José Bonifacio de Camargo, Arthur Leite de Barros, João de Souza Barretto, Dr. Eduardo Guimarães, Manoel de Moraes, Dr. Carlos Guimarães, Francisco Bueno Miranda, Dario Pompeu, Candido Alvaro, Floriano Alvaro, Dr. Cesar Bierrembach, Dr. Joaquim Alvaro, Orosimbo Maia, Silvano Pacheco, Dr. Joaquim Gomes Pinto, Joaquim Egydio de Souza Aranha, Francisco Serra, Eloy Pompeu, Leopoldo Amaral, pelo *Estado*, Campos Porto, pelo *Correio Paulistano*, Eduardo Prado, pelo *Commercio de S. Paulo*, Dr. Antonio Lobo, pelo *Diario Popular e Paiz*, Melchiades Pereira, pela *Platêa*, Antonio Samento e Mancel S. Seixas, pelo *Diario*, Alberto Faria, *Cidade de Campinas*, José Villagelin, pelo *Correio*, e João de Arruda Leite Penteado pela *Lavoura e Commercio*.

Foi aclamado presidente o Sr. Barão de Ataliba Nogueira, que convidou para secretarios os Srs. Drs. Rodrigo Lobato e Barão do Rio Pardo.

O presidente deu a palavra ao Sr. Dr. Rodrigo Lobato para expôr o pensamento commum dos lavradores do Estado. O Sr. Dr. Rodrigo Lobato levantou-se, e, em resumo,

disse que se congratulava com o Estado, e, particularmente, com a lavoura, pelo auspicioso acontecimento d'esta poderosa aggregação de forças com o patriótico intuito, não de fazer politicagem ou associação de pedintes, mas de trabalhar pela applicação de novos processos para o desenvolvimento e prosperidade da agricultura, dando a esta industria feição mais intelligente e economica de concorrer com os poderes publicos para o estabelecimento de uma administração, em que sejam attendidos os grandes interesses economicos do Estado, particularmente n'esta quadra de soffrimentos para a lavoura, flagellada pela falta de braços e dinheiro e pela baixa do café, principal producto da nossa exportação nacional e unico do Estado.

Congratulava-se com esta associação dos espiritos, porque os acontecimentos trouxeram a convicção de que só o Governo podia resolver as questões, o que não é exacto; a lavoura de S. Paulo póde viver, independentemente de qualquer outra força que não seja a sua propria.

A crise dolorosa que atravessamos deu nascimento a este movimento. A lavoura é quem melhor póde julgar das suas necessidades; deste congresso vae sahir a idéa salvadora.

Houve muito quem enxergasse neste movimento um movimento politico; a politica não é fim, e a lavoura reuniu-se para um fim.

Considerando a politica como meio do Governo para chegar á felicidade commum, intervirá quando lhe convier na formação dos poderes publicos.

Ella quer emancipar-se de todos os laços, de todos os vinculos que a possam prender á Administração do Estado.

A lavoura não é partidaria; sua orientação, nas relações com os poderes publicos, são os seus interesses economicos.

Diz-se, mas o orador não crê, que o governo do Estado viu com maus olhos esta aggréguição dos lavradores, e não o crê por duas razões: porque a classe cuja unica preocupação são os labores de sua industria é essencialmente conservadora, ordeira e pacifica, sendo o seu unico interesse a ordem social; em segundo logar, porque o actual governo do Estado está fazendo, no entender do orador, boa administração, cuidando com zelo da applicação dos dinheiros publicos. Oxalá fosse sempre esta a orientação dos passados governos, entre os quaes nem todos se inspiraram nos mesmos sentimentos.

O fim desta reunião é a unificação dos clubs municipaes; trata-se de congregar as forças esparsas pelos municipios, convertendo-as em poderosos intrumentos de beneficios para o nosso Estado, pela direcção de um centro mais preparado para aproveitar os esforços de todos.

Que é promettedor o movimento da lavoura, prova-o o facto de ter despertado no Estado e no Paiz as maiores sympathias e mais geral interesse, e prova-o ainda o honroso concurso de profissionais distinctos, de homens de sciencia notoriamente conhecidos.

O orador sente-se satisfeito e cheio de esperanças no futuro do seu Estado.

Na reunião de hoje discutir-se-ão os Estatutos do Centro.

Nota que ha, além dos delegados, homens de sciencia e banqueiros, que devem ser admitidos a fallar para esclarecerem os debates, se bem que não possam votar.

Terminada a brilhante exposição do Sr. Dr. Rodrigo Lobato, foi lido o projecto de estatutos do Centro da Lavoura do Estado, e, terminada esta, foi annunciada a discussão.

Rompeu o debate o Sr. Dr. Inglez de Souza, delegado de Itabira, que combatteu com energia o artigo que autorisa o Centro a intervir na formação dos poderes electivos do Estado, isto é, a intervir na politica. Seu discurso, bem argumentado, provocou

apartes violentos, e, por varias vezes, a sessão, se tornou tumultuosa, obrigando a mesa a intervir.

Esse discurso foi apoiado pelo Dr. José Pereira Machado, delegado de Mogy-Mirim, que opinou pela completa abstenção da politica.

Em resposta, fallou o Dr. Theodoro de Carvalho, delegado de Araraquara, que entende que a intervenção deve-se dar, convindo que a lavoura faça seus deputados com mandato imperativo.

Foi proposto pelos Srs. Antonio Salles, delegado de Bebedouro e outros que a directoria do Centro convocasse a assembléa geral, sempre que fosse preciso tomar resoluções importantes ou deliberar sobre a oportunidade da intervenção na politica. Essa proposta provocou largo debate no qual tomaram parte varios Srs. delegados, entre elles os Drs. Eduardo Guimarães e Rodrigo Lobato e o Sr. Conselheiro Leoncio de Carvalho, que proferiu longo discurso, apoiando a proposta.

A S. Ex. responderam tambem longamente os Srs. Drs. Rodrigo Lobato e Eduardo Guimarães.

Estando consignado o principio da intervenção, achava o Dr. Eduardo Guimarães que a oportunidade della devia ficar ao arbitrio da Directoria do Centro. Tratava-se de casos urgentes em que a consulta interporia a acção do Centro, que precisava ser prompta. Entende que a lavoura atravessa uma crise muito seria; compara-a a um doente muito grave que precisa de remedio urgente.

O remedio salvador da lavoura está justamente no artigo que estatue a intervenção na politica; era preciso não entorpecer a acção da Directoria, em applical-o no momento opportuno que só ella podia conhecer. A lavoura estava desesperada de obter dos governos mais do que os meios de seu progresso, os de sua existencia; era, pois, preciso armar a Directoria de acção prompta e decisiva.

Foi rejeitada a proposta, que apenas alcançou oito votos.

O Sr. Vitaliano Ferraz, delegado de Piracicaba, propõe que só possam ser eleitos para a Directoria do Centro os lavradores que estiverem filiados a algum dos clubs. Era claro o pensamento de arredar lavradores residentes em S. Paulo, cheios de saber, de prestigio e do maior interesse pela classe. Apesar da opposição do Sr. Dr. Rodrigo Lobato e de outros, essa proposta foi acceita. A discussão foi renhida, e, pelo azedume da phrase e pela transparencia de algumas indirectas em apartes, viu-se bem que havia o proposito deliberado de eliminar lavradores do municipio da Capital, onde não ha club agricola.

Ja ter a palavra o Sr. Conselheiro Duarte Rodrigues; mas a hora estava bastante adeantada; eram quatro horas da tarde, e S. Ex. pediu que adiassem a sessão para o dia seguinte, o que foi acceito.

No dia seguinte, 26 de março, no mesmo salão, ao meio dia, reuniram-se de novo os Srs. delegados. A essa reunião não compareceram os Drs. Pereira Barretto, Carlos Botelho e Eduardo Prado, que, na vespera mesmo, retiraram-se para S. Paulo, o Conselheiro Leoncio de Carvalho e outros.

Procedeu-se á eleição da directoria, que deu o seguinte resultado: Dr. Luiz Carlos de Assumpção, 32 votos; Dr. Eduardo Guimarães, 32 votos; Dr. Jorge Miranda, 31 votos; Barão de Ataliba Nogueira, 30 votos; Vitaliano Ferraz do Amaral, 30 votos; Dr. Adolpho Botelho de A. Sampaio, 29 votos; Dr. Theodoro Dias de Carvalho, 25 votos; Barão Geraldo de Rezende, 11 votos; Dr. João de Faria, 9 votos, e Dr. Jorge Tybiriçá, 7 votos; Amos Post, 5 votos e outros menos votados.

Foram proclamados membros da Directoria os 7 primeiros mais votados, e sup-
plentes, os quatro seguintes, immediatos em votos.

Em seguida, o Sr. Presidente deu a palavra ao Exm. Sr. Conselheiro Duarte
Rodrigues, que produziu longo e importante discurso acerca dos meios de remediar á
crise que neste momento affecta o unico producto da exportação do Estado, o café.

O Correio de Campinas de 28 de março publicou a importante peça oratoria, que é
a seguinte :

« Meus senhores— Tive a honra de receber um convite em nome do Congresso
Agricola actualmente reunido em Campinas para vir expôr os meios praticos de debellar
a crise angustiosa que assoberba a Lavoura e o Paiz.

« Aceitei a commissão e lastimo só que a falta de merecimentos pessoaes não justi-
fique a confiança que o convite traduz.

« Dedico-me ha vinte annos a assumptos agricolas; venho trazer a esta illustrada
assembléa o resultado de meus acurados estudos e desejo unicamente que isto me seja
levado á conta da boa vontade e do desinteresse com que me colloco ao lado dos lavra-
dores paulistas.

« Os assumptos relativos á lavoura são de natureza muito complexa; não deixarei, no
entretanto, de expôr o que penso acerca das varias questões, que, por igual, interessam á
lavoura.

« Ha dias, tendo occasião de fallar no «Club da Lavoura de Casa Branca», do qual
me elegeram vice-presidente honorario, muito immercidamente (não apoiado), declarei
com franquesa, com lealdade e com desinteresse, que o club devia se affastar tanto
quanto podesse dos elementos de desunião entre os quaes está a politica.

« Igual pedido venho fazer a esta assembléa, e desejo só que a lavoura se una num
só corpo, com uma só vontade e se disponha a cogitar de assumptos de interesse da
classe, abstrahindo por completo qualquer orientação de politica partidaria.

« Partindo deste principio, cabemos todos debaixo da mesma bandeira, monarchistas,
republicanos historicos, adherentes, governistas, jacobinos, nacionaes e estrangeiros.

« A nossa liga é a dos interesses; se nos soubermos unir, constituiremos a maior,
politica do paiz (apoiados, repetidos applausos); se nos preoccuparmos com a politicagem,
amanhã estaremos desunidos.

« E este esforço que vejo aqui será uma tentativa sem resultado.

« E é assim, que, muito opportunamente, aproveito a occasião, para, interpretando,
estou convencido, os sentimentos de todos os congressistas, pedir ao honrado Sr. barão
de Ataliba Nogueira a conservação do seu nome na lista da directoria que vae reger os
destinos da classe agricola. A lavoura precisa do saber, da experiencia e do prestigio do
seu nome.

« Meus senhores: Comecei por dizer que as questões que affectam a lavoura são
muitas e de caracter muito complexo. Demandam estudo cuidadoso.

Vou expôr com franquesa, com sinceridade, com desinteresse, o meu modo de pensar
sobre essas questões, e espero que cada um dos congressistas reconhecerá a sua verdade
depois de estudar com calma, no silencio e no recolhimento de seus gabinetes, o pro-
gramma que vou expôr e no qual medito desde longa data.

« O Paiz, e, principalmente, a lavoura cafeeira, atravessam uma crise agudissima que
ocasiona o mal estar da sociedade paulista e da sociedade brasileira em geral.

« Muitos suggerem opiniões mais ou menos ideologas, mais ou menos impraticaveis,
que só servem para perturbar a marcha da lavoura, pois que cada opinião nova que se

crea é uma nova difficuldade para os lavradores que, em face das difficuldades materiaes, com que lutam, se vem ainda deante de maus conselhos.

«Andam alguns individuos montados num cavallo vistoso que se chama polycultura, e que não sabem a que especie pertence, apregoando que naquillo está a salvação.

«A verdade, porém, é que os lavradores em geral não sabem oriental-o e o lavrador de café vê-se em frente desse espantallo sem saber como ha de utilizar-se delle.

«A cultura do café depois de 13 de maio de 1888, depois da abolição da escravatura, constituiu uma industria, e, pela mesma razão que o chapeleiro não fabrica carapuças, servindo, no entretanto, ambos para cobrir a cabeça, pelo mesmo motivo que o sapateiro não fabrica chinellos de liga, servindo uma e outra cousa para enfiar nos pés, o lavrador de café não pôde nem deve desviar a sua attenção em outras culturas.

«Isto não é condemnar a polycultura; pelo contrario, entendo que todos a devem abraçar; mas é preciso recear muito os conselhos que por ahi correm a tal respeito, tão desordenados e tão abstractos, que só servem para desorientar os lavradores.

«A cultura do café, como já disse, constitue uma industria que deve andar sempre acompanhada por todas as industrias do paiz.

«Foi baseado em taes idéas, que, em 1896, no Congresso, fiz distribuir um folheto, que, embora não assignado por mim, é da minha lavra, onde aconselho algumas medidas que ainda hoje tenho como uteis.

«O systema de immigração adoptado pelo governo do Estado é imperfeito e prejudicial.

«Quando esse serviço foi iniciado, em consequencia da abolição, urgia seguir o systema que mais resultados apresentasse, e a immigração, substituida, tornou-se uma necessidade.

«São passados 9 annos e ainda não se cogitou de fazer alguma cousa de importante nesse sentido, e creio que já é tempo de pensarem, os poderes publicos, nos meios de occorrer á necessidade de importar braços para o trabalho dos campos.

«Para isso, julgo de bons resultados escolher, de preferencia, como trabalhador volante o individuo não pertencente ao paiz, d'onde, até hoje, temos importado imigrantes em maior quantidade.

«A immigração italiana, diz o orador, tem, não contesto, prestado bons serviços á lavoura do Estado; julgo, porém, que é tempo de modalisarmos esse serviço, e, para conseguir tal cousa, não se deve manter a immigração subvencionada. Conheço imigrantes, que, a expensas dos cofres do governo, fazem cinco e seis viagens á Europa.

«O trabalhador italiano, remetendo para seu paiz as economias que faz aqui, origina o nosso desequilibrio economico e é uma das causas da baixa do cambio.

«Julga de resultados proficuos a subvenção para a introdução de imigrantes asiaticos, e que se devem empregar todos os meios para attrahir espontaneamente o immigrante europeu para o nosso paiz.

«Mas para isso não são bastantes as medidas dos governos, é preciso o esforço, o concurso de todos os que, directa ou indirectamente, se acham ligados a tal questão, e uma vez methodisado o serviço nesse sentido, o Brasil entrará numa era brilhante de progresso e de prosperidade.

«Devem-se colonisar por leis appropriadas as redondezas dos centros populosos, as margens das estradas de ferro e as terras das nossas propriedades, improprias para o café e que não estão occupadas por dependencias da fazenda.

«Essas terras conservam-se em completo abandono, representam um capital morto, e, se cada lavrador as dividisse e vendesse a seus colonos, formar-se-iam nucleos co-

lonias, evitar-se-iam as mudanças continuadas dos colonos de fazenda para fazenda e libertar-nos-íamos, ao mesmo tempo, dessa remessa de capitaes para a Europa, facto que tanto pesa na balança commercial do paiz e que tantos males occasiona á nossa economia.

« O colono crearia assim uma pequena propriedade, e, portanto, um forte laço a prendel-o á patria brasileira.

« As crises são phenomenos que causam grandes males ás nações, mas que são necessarias e uteis para corrigir os desmandos das épocas de prosperidade.

« Todos os paizes soffrem, periodicamente, crises e nós não podíamos fugir a essa regra geral.

« A França, a Alemanha, a Inglaterra, apesar de sua relativa prosperidade, soffrem ainda hoje as consequencias desses phenomenos que alli se desencadearam em épocas passadas.

« O café teve baixa identica á de hoje ha cerca de 10 annos, e a crise de 1850 a 1860 não foi menor em seus effeitos do que actual.

« As condições de agora é que não são as mesmas das de então.

« Dizem muitos que a crise que atravessamos é determinada pela superabundancia de producção ; sou contrario a tal idéa e quero deixar bem assignalado que a crise não é nem foi determinada por excesso de producção, e sim por circumstancia de occasião.

« Em 1895 os preços do café conservam-se elevados durante a safra desse anno e foi exactamente no periodo que vae d'ahi a 1896 que principiou a manifestar-se a baixa.

« E' absurdo attribuir-se a baixa do café a isso, e, precisamente na época em que elle sahia em menor quantidade.

« Mas era preciso ser mais realista do que o proprio rei para não acreditar excesso de producção quando os cinco Estados cafeeiros do paiz, numa reunião em Petropolis, annunciavam pela bocca de seus representantes a superabundancia.

« Annunciando o excesso, pronunciada a baixa, houve o retrahimento de capitaes, e casas de commissões que tinha adiantamento aos lavradores foram as primeiras a sujeitar-se a vender na baixa para satisfazerem seus compromissos.

« Um dos meios, a oppór á voragem que nos devora é o credito ; a respeito disso, porém, ainda não ha nada organizado no paiz.

« O credito rural depende do bom funcionamento de duas modalidades distinctas uma da outra, de intuitos diversos, mas que precisam trabalhar harmonicamente para produzirem bom resultado.

« Ha 25 annos, que, no Brasil, está organizado o credito hypothecario baseado no melhor systema até hoje conhecido, e, se até hoje não tem produzido bons resultados a causa não está em si, mas naquelles que o executam.

« O credito agricola quasi que o desconhecemos.

« A lavoura tem lutado grandemente com o descredito.

« Nas condições que atravessa actualmente, é-lhe indispensavel o auxilio do credito agricola e hypothecario, este para supprir o capital e aquelle para fornecer ao lavrador o necessario e indispensavel para as despesas de custeio.

« O credito agricola representa para o lavrador o que o almoço e o jantar representam para o trabalhador: uma necessidade urgente e inadiavel.

« O credito agricola não se destina propriamente ao auxilio dos fazendeiros. Estes são meros intermediarios entre a terra e o operario ; o credito é principalmente dirigido á producção e não ao productur.

« Estou convencido de que os favores a pedir ao governo do Estado são, de preferência, os relativos ao credito agricola e não os que dizem respeito ao credito hypothecario. O primeiro póde ser satisfeito com capital muito menor que o segundo ; com este não póde a lavoura attender ás necessidades actuaes, o que poderá fazer com o auxilio daquelle.

« Diz que, na sua opinião, o Congresso andaria com acerto sollicitando do governo ampliação das operações do banco de credito real e pedindo a fundação de instituições de credito agricola.

« O Credito agricola dever ser limitado ás necessidade do custeio de cada propriedade e as quantias devem ser pagas mensalmente para evitar o desvio de grandes sommas de dinheiro para outros fins que não aquelles para que são fornecidas. As dividas deveriam ser pagas annualmente, embora os contractos sejam feitos por 6 annos.

« Este systema tem a vantagem de poder ser immediatamente executado visto haver leis que o favorecem.

« O credito agricola só pode ser resolvido pelo estabelecimento de bancos locais que seriam fornecidos pelo governo da União.

« Encarada a questão pelo lado pratico, aconselha ao Congresso dos Lavradores que se limite a pedir aos poderes do Estado o desenvolvimento do credito hypothecario e o estabelecimento do credito agricola.

« O Estado de Minas e o Estado do Rio de Janeiro garantiram os juros das letras hypothecarias ; é o que conviria igualmente fazer em S. Paulo. (1)

« Refere-se largamente ás instituições de credito da Allemanha, com as quaes nos preocupamos continuamente, mas, que, por enquanto, em parte devemos lançar á margem, procurando meios de proficuo e immediato resultado para as nossas condições actuaes.

« Termina agradecendo a attenção com que o ouviram e diz que quasi poderia affirmar que um projecto, cuidadosamente elaborado no sentido em que acaba de fallar, seria bem recebido pelos poderes publicos do Estado.»

Foi, o orador, abraçado e cumprimentado por quasi todos os congressistas.

DR. CAMPOS DA PAZ

(Continúa.)

A PESTE DOS SUINOS

O Dr. Augusto Bernacchi, membro do conselho superior da Sociedade Nacional de Agricultura, gentilmente offereceu-nos a traducção que em seguida publicamos, das communicações pelo mesmo Dr. recebidas de Turim, na Italia, em resposta á carta que dirigira ao Syndico d'aquella cidade pedindo informações sobre a peste dos suinos, que ali já havia sido estudada.

Turim, 4 de janeiro 1899.

Exm. Sr. — O Prefeito de Turim gentilmente communicou-me a sua carta presente de 7 do passado, em que se falla de uma grave molestia desenvolvida ali nos porcos.

Trata-se certamente da *pneumo-enterite infecciosa* ou *cholera* dos suinos, chamado tambem peste dos suinos.

(1) Este trecho não é do *Corr. de Campinas*; foi redigido com as notas do autor.

E' doença contagiosa, muito grave, que, na America como na Europa, tem feito e continúa a fazer devastação.

Contra ella o unico remedio até agora conhecido é a vaccinação preventiva, cujas instrucções lhe transmitto, assim como lhe envio a parte instructiva sobre o assumpto, que tambem servirá para instruil-o.

Por nós, na Hungria, na Rumania Russa, e na Erzegovina, ella foi tambem applicada e quasi em toda a parte com grande vantagem. Mandará o Sr. experimental-a ali; por minha parte procurarei coadjuval-os em tudo o que poder, satisfeito se a Sociedade Nacional de Agricultura tomar a si essa nobre e importante iniciativa.

Como verá pelas instrucções, o preço da vaccina é diminuto e a sua applicação facillima; uma experiencia feita ali não deixará de ser um beneficio prestado á agricultura brasileira.

Para tudo quanto sei e posso, o meu laboratorio com todo o seu pessoal e eu estamos á sua completa disposição.

Queira receber os cumprimentos e os bons desejos deste seu dedicado

(Assignado) E. PERRONCITO.

Turim, 4 janeiro 1899.

Exm. Sr. Prefeito. — Recebi a comunicação da carta do Sr. Augusto Bernacchi do Rio de Janeiro, que lhe remetto.

Não duvido que se trate da pneumo-enterite-infecciosa, pneumonia ou pneumonite infecciosa, peste ou cholera dos porcos, contra a qual não ha outro meio além da vaccinação preventiva, que se prepara no meu laboratorio Vaccinico Perroncito-Braschetlini. Junto envio as instrucções para applicação da referida vaccina, para que, se assim entender, os remetta ao Sr. A. Bernacchi, a quem póde, em meu nome, assegurar, e á sua Sociedade, que o meu laboratorio se põe á sua disposição em tudo e para tudo, quer para estudos, quer para experiencias em maior escala que quizerem fazer com a nossa vaccina.

Aproveito a oportunidade para renovar os cumprimentos, feliz de professar-me o seu dedicado

E. PERRONCITO.

Turim, 19, janeiro 1899.

Em resposta á sua muito presada carta de 7 de dezembro de 1898, transmittto-lhe a carta do professor Perroncito, Director desta Escola de Medicina Veterinaria, a quem me dirigi para os esclarecimentos, enviando-lhe as instrucções e impressos sobre o objecto de sua resposta.

Com estima

(Assignado) O Prefeito, VAUDOT.

NOTA SOBRE A VACCINAÇÃO PREVENTIVA CONTRA A PNEUMO-ENTERITE INFECCIOSA DOS SUINOS

Em outubro do corrente anno de 1897, apresentei em uma comunicação á Sociedade de Medicina Veterinaria de Bucharest, o resultado das indagações feitas com a colaboração do Sr. professor Soeusteau sobre a efficacia da vaccina preparada pelo professor Perroncito e Dr. Braschetlini de Turim, como preservativo contra a pneumo-enterite infecciosa.

Na mencionada comunicação, depois de ter descripto as experiencias feitas na Escola e no mercado dos suinos em Termo Severino, conclui declarando que se deduzia logica e claramente d'aquellas experiencias que a supracitada vaccina gosava realmente

das propriedades vaccinantes propriamente ditas, isto é, que impedia a infecção dos individuos, vaccinados pelo menos dez dias antes do contagio.

Além disso, no correr das experiencias, observei que a vaccinação produzia modificações favoraveis no estado geral dos animaes doentes, elevando a temperatura e contri-
buindo de fórma sensivel á respectiva cura.

Uteriormente as experiencias foram continuadas, e os resultados, que tenho podido obter, tem confirmado as conclusões deduzidas das primeiras experiencias.

Fazendo conviver os porcos vaccinados e não vaccinados com outros atacados da pneumo-enterite, tenho verificado, depois de quatorze dias, que a molestia não se transmittiu a nenhum dos porcos vaccinados, tendo atacado entretanto um dos que não tinham sido vaccinados e que veio a fallecer de pneumo-enterite.

Verdade é, porém, que outro animal não vaccinado não foi atacado pelo morbo; não me parece, contudo, que possa esse facto constituir de modo algum prova contra a efficacia da vaccina, porque um certo gráo de immuniidade hereditaria, ou a diversidade de meio, explicam claramente a resistencia de alguns individuos.

Em fevereiro do corrente anno, graças á intervenção do Sr. professor Locusteano foi-me possivel fazer uma nova experiencia, que me parece plenamente decisiva.

Em uma localidade de Oltenia onde existe a pneumo-enterite, produzindo resultados alarmantes: 45 a 50 % de mortalidade entre os suinos adultos, e quasi 100 % entre os que ainda se estão amamentando, tenho mandado unicamente introduzir animaes, vacci-
nados uma só vez, vindos de outra localidade não infeccionada. De dez porcos ali rece-
bidos, cinco tem resistido completamente á infecção, os outros cinco tem sido atacados de molestia; mas com symptomas benignos e ficando afinal completamente sãos em pouco tempo. Por esta experiencia, a unica conclusão que se póde tirar é que a vaccina-
ção foi effectiva, porque nos suinos não vaccinados a mortandade, que era de 45 a 50 %, baixou a zero no grupo vaccinado; e, ao passo que, nos primeiros, apenas 10 — 15 % resistiram á infecção, nos segundos, a proporção foi de 50 %, tendo ainda em conta que estamos convencidos que aquelles cinco individuos, que não resistiram completamente á infecção, teriam resistido se tivessem sido vaccinados duas vezes, como se prescreve sempre que temos que lidar com uma epizootia forte, como o foi precisamente no caso citado.

Terminando, creio que, em consequencia dos resultados demonstrados, a duvida e o pessimismo de alguns dos nossos collegas serão removidos, e a vaccinação com a vaccina Perroncito-Braschetlini, tomará o seu lugar afim de combatter esta perniciosa molestia dos suinos.

(Assignado) A. CONSTANTINESCU

SOBRE UMA NOVA MOLESTIA DO FUMO

POR CARLOS SPEGAZZINI

Botânico da Officina Chimica-Agrícola de Buenos Aires

Tradução especial para "A Lavoura", pelo Dr. Salvador Barradas

Passeando no começo do mez de dezembro do anno de 1888 pelo Parque de Palermo, chamaram-me a attenção algumas plantas da *Vava de Santo Antonio* (*nictiana longiflora*) que tinham as folhas amarellas, torradas e semeadas de pequenas

nodoas mais escuras, fazendo-me suspeitar a presença de algum parasita. Confirmou-se-me mais essa idéa, quando, levantadas algumas folhas, notei que estavam estas mais grossas e frageis, e vistas contra a luz, reconheciam-se pequenos pontos internos opacos nas partes que correspondiam ás nodoas escuras visiveis no exterior.

Levei diversos exemplares para minha casa e procedendo á inspecção microscópica interna dessas folhas encontrei um grande numero de corpusculos pardo-escuros, que reconheci immediatamente serem esporas de alguma *phycomycete endogena*.

Desde então e com o fito de encontrar os diversos estados metagénéticos que me permittissem determinar com segurança o referido fungo, não deixei de examinar as folhas de todas as plantas da especie mencionada que apresentassem algum signal visivel da molestia.

Em dezembro de 1890 consegui achar o parasita tão procurado, na cidade de *La Plata*, sobre alguns exemplares da *Vara de Santo Antonio* que vegetavão em um rincão humido e escuro dos edificios em construcção da *Faculdade de Agronomia e Veterinaria*.

O fungo achava se ahí no estado conidico.

Nos annos seguintes a infecção parecia diffundir-se, de modo que nas primaveras de 1892 e 1893 era bastante commun. Seguindo a mesma marcha que nos annos anteriores, pôde-se dizer que no anno de 1897 era raro o individuo da *Vara de Santo Antonio* que não estivesse atacado pela molestia. O estado conidico foi sempre o mais frequente e abundante, ao passo que o estado oogonico era escasso, e, em certos annos, mais airda.

Fiz conhecer esta especie em 1891 com o nome de *Peronospora nicotiana*, *Speg.*: em um pequeno opusculo que viu a luz da publicidade na *Revista Argentina de Historia Natural* sob o titulo de *Phycomycetæ argentina*; e o parasita não mereceu maior attenção enquanto era encontrado em uma planta selvagem, inutil e até incommoda.

Tendo colleccionado no anno anterior, durante uma viagem longa effectuada nas Provincias argentinas do norte e especialmente em Salto, sementes de quasi todas as especies de fumos sylvestres e cultivadas especialmente para estudal-os comparativamente nesta primavera, estabeleci um viveiro de todas ellas no jardim botanico da Faculdade de Agronomia e Veterinaria.

As mudas desenvolveram-se perfeitamente apesar de terem soffrido algumas geadas tardias e fortes, e a secca molestando-as um pouco. Quanto ás plantinhas, chegaram em geral a ter de cinco a seis folhas e começavam a lançar a haste quando de improviso notei a apparição do *Peronospora* a começar pelas especies sylvestres, invadindo mais tarde rapidamente todas as cultivadas e destruindo as folhas basilares de todos os individuos, tendo sido possivel milagrosamente salvar uns poucos de pés á força de cuidado e pelo transplante immediato.

Convenci-me, na occasião, que o *Peronospora nicotiana* não era tão inoffensivo como tinha crido até então, e que, ao contrario, era uma grave ameaça constante para os plantadores de fumo e nos achavamos em presença de uma nova praga que poderia, em certos casos, converter-se em verdadeiro flagello para as pessoas dedicadas á cultura desse precioso vegetal.

Iniciei, portanto, algumas investigações e cheguei a fazer alguns estudos que infelizmente não pôde concluir, devido á quasi desapparição imprevista da molestia,

o que succedeu depois de algumas fortes chuvas, que parece lavaram a superficie das folhas, destruindo completamente todos os órgãos infestados, ficando sómente uma ou outra planta doente nos logares abrigados das chuvas e á sombra.

Considerando que este topico não deixa de ter importancia, julgo convenientemente dar a conhecer a molestia e as poucas investigações a ella referentes.

Começarei, no entanto, por dar uma descripção detalhada da affecção e do parasita que occasiona.

Como anteriormente tenho dito, esta molestia manifesta-se, a olhos nús e mesmo de longe, sob o aspecto de nodoas mais ou menos arredondadas, que, irregular e paulatinamente, se alongam até invandirem todas as folhas do individuo, estendendo-se em muitos casos até ao caule; estas nodoas são de côr amarellada, mais ou menos marcadas e muito visiveis; e a parte do órgão affectado apresenta um pequeno augmento na grossura, tornando-se ao mesmo tempo fragil a ponto de se quebrar com facilidade ao ser dobrada.

Além disso observa-se que as folhas se acham um pouco abahuladas, tendo a convexidade voltada para a parte inferior; os talos, nas plantas doentes, são tambem amarelentos, succulentos, frageis, e tem uma notavel tendencia para a *fasciação* (entre-soldamento ou concrescencia dos ramos), não sendo raro que, em vez de seguirem direito, dobrem-se mais ou menos sobre si mesmos, affectando ás vezes a fórma de um gancho mais ou menos fechado.

A infecção começa sempre pelas folhas inferiores, especialmente pelas que se acham estendidas sobre a terra, e pouco a pouco vae ganhando o talo e as folhas superiores, de modo que, como já disse, nos individuos infestados desde algum tempo, as folhas inferiores desaparecem mais ou menos completamente ou se reduzem a fragmentos irregulares adherentes á nervura central. Antes de desaparecer, ficam seccas, enrugadas e as nodoas amarellas tomam uma coloração acinzentada ou parda-centa, tornando-se delgadas e muito frageis.

Pelos dados que acabo de mostrar, os caracteres macroscopicos da molestia são muito parecidos com os que se attribuem a uma affecção do fumo que reina na provincia de *Tucuman*, onde é conhecida com o nome de *joroba* (*corcunda*); tambem parece corresponder com bastante exactidão á que devasta os fumos mexicanos e que alli se denomina *hahuiette*.

Examinando de perto os órgãos das plantas doentes, observa-se um dos tres casos seguintes:

1.º Que as manifestações da molestia se limitam aos caracteres indicados (o que é frequente nos primeiros tempos da invasão), podendo achar-se doentes não só as folhas como tambem o talo.

2.º Que as manifestações são tambem todas internas, diferenciando-se pouco das que acabamos de descriminar; observando, porém, os órgãos infeccionados contra a luz, notam-se no parenchyma pontos e nodoas opacas e escuras que correspondem a pequenas nodoas escuras ou violaceas, pouco assignaladas no exterior, achando-nos então em presença do estado oogonico do parasita.

3.º Que a superficie inferior das folhas, na parte empolada, que corresponde ás nodoas amarellas, acha-se coberta de uma pennugem de côr branco-cinzena, mais ou menos encorpada, formada pelo estado conidico do micromyceta.

S. B.

(Continúa)

ENSINO AGRICOLA

ESTRUMEIRAS

E' esta uma questão pratica de summa importancia para o lavrador. A necessidade absoluta do estrume para a humificação do sólo, faz, das estrumeiras bem estabelecidas, uma das maiores e mais urgentes exigencias culturaes.

A primeira condição que deve apresentar a nossa estrumeira, será de poder se tirar o estrume, por ordem de idade, se assim posso dizer, e sem interromper a collocação de outro.

Nos nossos climas, com effeito, em que nunca pára a vegetação, não sómente, ha necessidade quasi constante de fertilisantes, como um cortimento muito demorado faz perder ao estrume muito azoto, pela actividade e continuidade das fermentações.

A segunda, será de ficar debaixo de coberta enxuta, para evitar a lavagem pelas aguas meteoricas, como o desseccamento pelos raios solares.

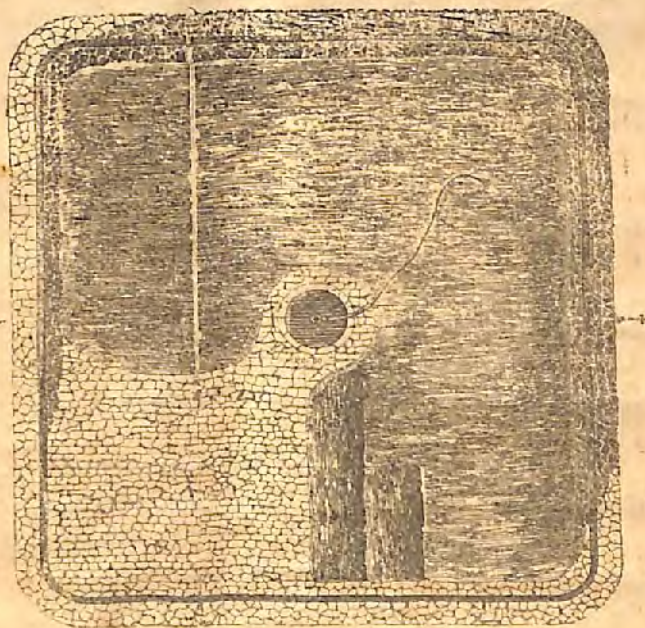
Uma terceira, emfim, da maior importancia para a salubridade da moradia da fazenda e a saúde dos seus habitantes, homens e animaes, é a perfeita impermeabilidade da sua área. Não ha maior perigo, para o lavrador e seus auxiliares como para a sua criação, do que as infiltrações de sumeiras.

Uma das molestias que mais victimam as aves caseiras não tem outra causa.

Se a essas condições ajuntarmos ser preciso regar o monturo com os liquidos recolhidos, ou mesmo, em caso de necessidade, com agua, para evitar o desseccamento que mata o estrume, teremos as necessarias indicações.

Um terreiro, construido como para seccar o café, capaz de supportar o rolar de carros e cuidadosamente cimentado; um tecto por cima; um cordão de arvores formando antepára, tanto do lado do sol, como entre a estrumeira e a casa da moradia: não são cousas difficeis de estabelecer para os nossos fazendeiros.

Reproduzimos, do *Journal d'Agriculture pratique*, uma vista pittoresca e uma planta com corte, de plataforma para estrumeira muito bem combinada e appropriada ao nosso clima, desde que se ajuntar um tecto para abrigo.



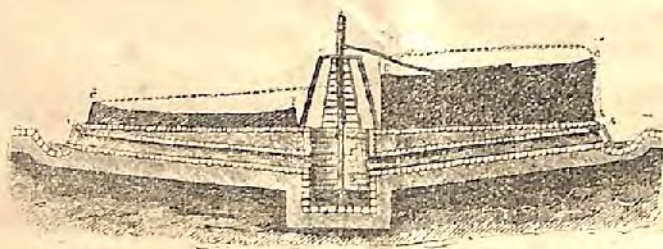
A área, A, A, inclinada do centro para a periphéria, tem 25 metros por 20, e fica cercada de uma rua, lageada ou calçada, para evitar os estragos do terreno pelos carros, que devem poder encostar, ou mesmo subir.

Os líquidos, recolhidos na valla estanque, reúnem-se na poça central, B, por meio de quatro canacs em cruz, dous dos quês são bem visíveis no córte, e que podem ser ou de alvenaria, como está indicado, ou de louça vidrada.

Dalli é que a bomba appropriada os tira para molhar o monturo ou encher as pipas de irrigação.

Essa poça communica tambem com as cavalharias e estabulos, para receber directamente a sumeira; mas essa comunicação deve ser feita, não por meio de tubos, mas por sargetas que se possam cobrir e destapar com taboas, para a limpeza, e afim de evitar invasões de ratos.

As latrinas, estabelecidas em ponto mais elevado, poderão tambem, vantajosamente, exgottar-se na mesma poça, na qual, sendo preciso, será sempre facil de praticar uma desinfecção completa com cal.



A linha C, C, C, indica o modo de empilhar o estrume, que a gravura pittoresca explica melhor.

Nessa gravura, a estrumeira está representada redonda e menor: 15 metros de raio, mais ou menos; as medidas que damos acima,

são, porém, mais proprias para uma fazenda.

A altura de quatro metros do monturo é, tambem, exagerada, e não será alcançada senão no caso de necessidade absoluta.

As primeiras carradas de estrume estão empilhadas em monte de dous metros, occupando a largura, por dous a tres metros de espessura. O resto, ao passo que vem trasido, forma uma rampa de $22\frac{1}{2}$, mais ou menos, para facilitar o serviço.

No fim de $1\frac{1}{2}$ o dous mescs, pôde se iniciar a exploração, retirando, pela frente, o estrume cortido, emquanto que, do outro lado, vem se trazendo diariamente o fresco.

Não preciso, sem duvida, lembrar o que tantas vezes repeti: que o cortimento deve ser incompleto, e as plantas da cama imperfeitamente transformadas; que esse cortimento deverá ficar tanto mais incompleto e curto, quanto mais elevada a media local de temperatura; que o uso da cama ou *liteira* vegetal é absolutamente indispensavel.

O tecto pôde ser de sapé, de palmas, de taboinhas ou de telhas; um tecto de zinco ou de folha é pouco proprio, por causa da condensação das emanações que se produz durante a noite e no tempo de frio, e que provoca um gottejamento desagradavel e pouco salubre.

E' bom, emfim, não deixar as aves ciscar no monturo.

Quanto as regras de formação do mesmo estrume, acharão melhor lugar em artigo ulterior.

G. V.

VARIEDADES

A Lavoura e o Commercio da Capital.—A Directoria recebeu, em sessão de 14 de março proximo passado, a seguinte comunicação :

Rio do Janeiro, 14 de Março de 1899.

Illm. Sr. Dr. Moura Brazil, M. D. Presidente da Sociedade Nacional de Agricultura.

Peço licença para assignalar á Sociedade, que V. S. tão dignamente preside, um perigo que vem ameaçar na propria existencia a lavoura nacional, e inutilisar a propaganda, que ha tanto tempo continuamos, a favor da produção, pelos nossos lavradores, dos generos de primeira necessidade.

Sabe, V. S., que os nossos conselhos, a tal respeito, não foram perdidos este anno, e que Minas Geraes, sobretudo, produziu em abundancia, milho, arroz e batatas inglesas.

Produzir é o menos : vender é o mais difficil, no caso, apesar do que o bom senso pareceria indicar em contrario ; na occasião foi que appareceram uns parasitas, macrobios, estes, muito mais perigosos do que tollos os peronosporas, phytóptoras e *tutti quanti*.

Um exemplo explicará bem a cousa.

O nosso distincto e illustrado consocio, o Sr. Dr. João Pinheiro, a conselho nosso plantou algum terreno com batatas inglesas, das quaes colheu uns quinze mil kilos ou mais.

Essas batatas, elegantemente acondicionadas em jacás, modo muito pratico de acondicionamento que assignalo ao passar, foram por elle remettidas, ou, para melhor dizer, 22 jacás de 30 kilos foram remettidos, como amostra, ao seu correspondente desta cidade, que tratou de vendel-as.

Depois de muita e muita procura, convenceu-se este de que havia, no commercio da praça, um verdadeiro convenio a respeito, de tal modo foram unanimes as offeras.

As condições feitas, as mais vantajosas, aliás, foram : \$160 o kilo, postas no armazem, e direito de abrir os jacás para rejeitar os tuberculos que não conviessem.

O Dr. João Pinheiro mandou entregar a amostra, mas declarou renunciar a essa cultura.

Se examinarmos a conta de venda, o resultado não é, effectivamente, muito animador no momento actual.

O frete excedeu 30\$; o intermediario cobrou 5 % ; para fazer frente ás despesas de cultura e colheita, fabricação dos jacás, etc., restaram, pois, mais ou menos cem réis por kilo.

As batatas forrageiras, que recebemos aqui como de mesa, grelhadas, e, portanto, nocivas á saude, e de pessima qualidade, custam, no porto de embarque, dez centimos, ou \$140 o kilo, independente de fretes e direitos.

Se quizermos verificar e explicar, pelo preço de venda, a depreciação do nosso producto, acharemos uma prova contraproducente.

A mesma casa que pagou, *por ser genero nacional*, os trinta kilos de batatas a 4\$800, e que vende, por atacado, as batatas de Le Bigot a 17\$500 por 60 kilos, pediu-me 18\$ pelos mesmos 60 kilos das nossas batatas em jacás, ou 9\$ pelos 30, *por ser genero superior*.

Allegarão, bem sei eu, as necessidades do commercio e o alto preço dos quartos do mercado.

Será, pergunto eu, honesto o commercio que ganha assim noventa por cento, só para commissão do primeiro intermediario ?

E' claro que deixo de parte toda e qualquer consideração de patriotismo. Para tal commercio, não ha patria, ou, antes, ha uma unica patria : o dinheiro.

Ainda sei bem que cem réis por kilo, 1:500\$ a 1:800\$ por hectare, pôde ser considerado rendimento regular, para uma colheita, rendimento que muitas não alcançarão.

Mas nem todas as culturas, sobretudo para *principiantes*, renderão 1500 kilos por hectare ; de mais, se consentimos vender mais barato do que custa o genero estrangeiro, não será justo, que, como compensação, o consumidor nacional aproveite tambem essa diferença ?

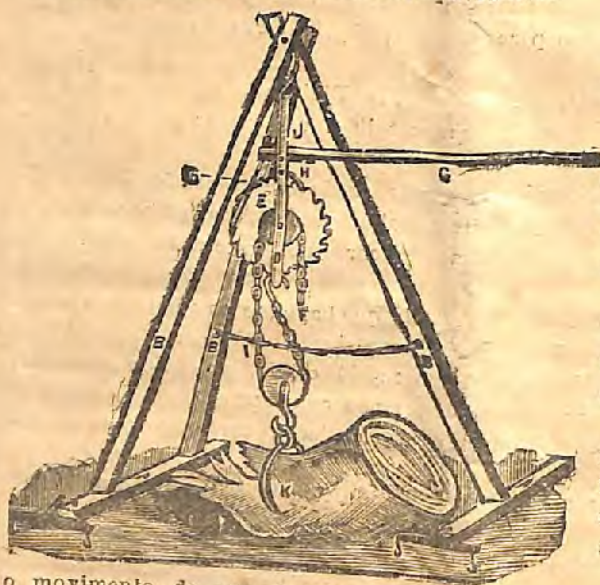
Entre os 100 réis que recebe o lavrador e os 400 réis que paga o consumidor, a diferença é demasiada ; tanto mais, que desses 300 % a mais, apenas os 50 réis de frete, frete aliás exageradissimo, podem ser considerados como utilmente empregados para a nossa fortuna publica.

E' o que desejava eu assignalar á Sociedade Nacional de Agricultura, chamando a sua attenção para um estado de cousas que vem, senão inutilisar de vez os esforços da nossa propaganda, pelo menos atrasar por muitos annos os seus effeitos.

Acceite, Sr. presidente, a expressão da minha mais subida estima e consideração.

DR. GERMANO VERT.

Destocadores — Os novos processos culturaes, que se impõem á nossa lavoura, exigem o completo destocamento dos terrenos lavrados.



o movimento de rotação, imprimido por uma besta, ou mesmo por uma ou mais juntas de bois.

No ultimo caso, será, porém, melhor applicar duas ou mais alavancas e isolar as juntas.

Agravura separada representa o Aranca-tocos (*Stump-puller*) americano.

O seu funcionamento é facil a comprehender. O volante, C, move o parafuso fixo, cuja porca corrediça arrasta consigo a corrente, e, portanto, o toco.

Sob o volante, C, e solidario com elle por engrenagem angular, ha um carretel no qual vem se enrolar o cabo, D, de fios de aço trançados.

Puxado pelos animaes, esse cabo obriga o carretel a girar, arrastando consigo o volante e o parafuso ; e a porca desce com uma força irresistivel.

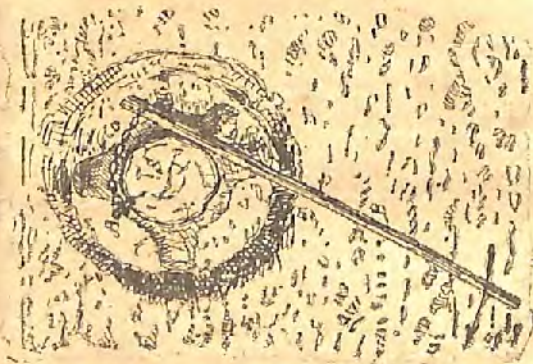
Procurão os nossos fazendeiros, instrumentos appropriados, ao mesmo tempo poderosos e faceis de manejar.

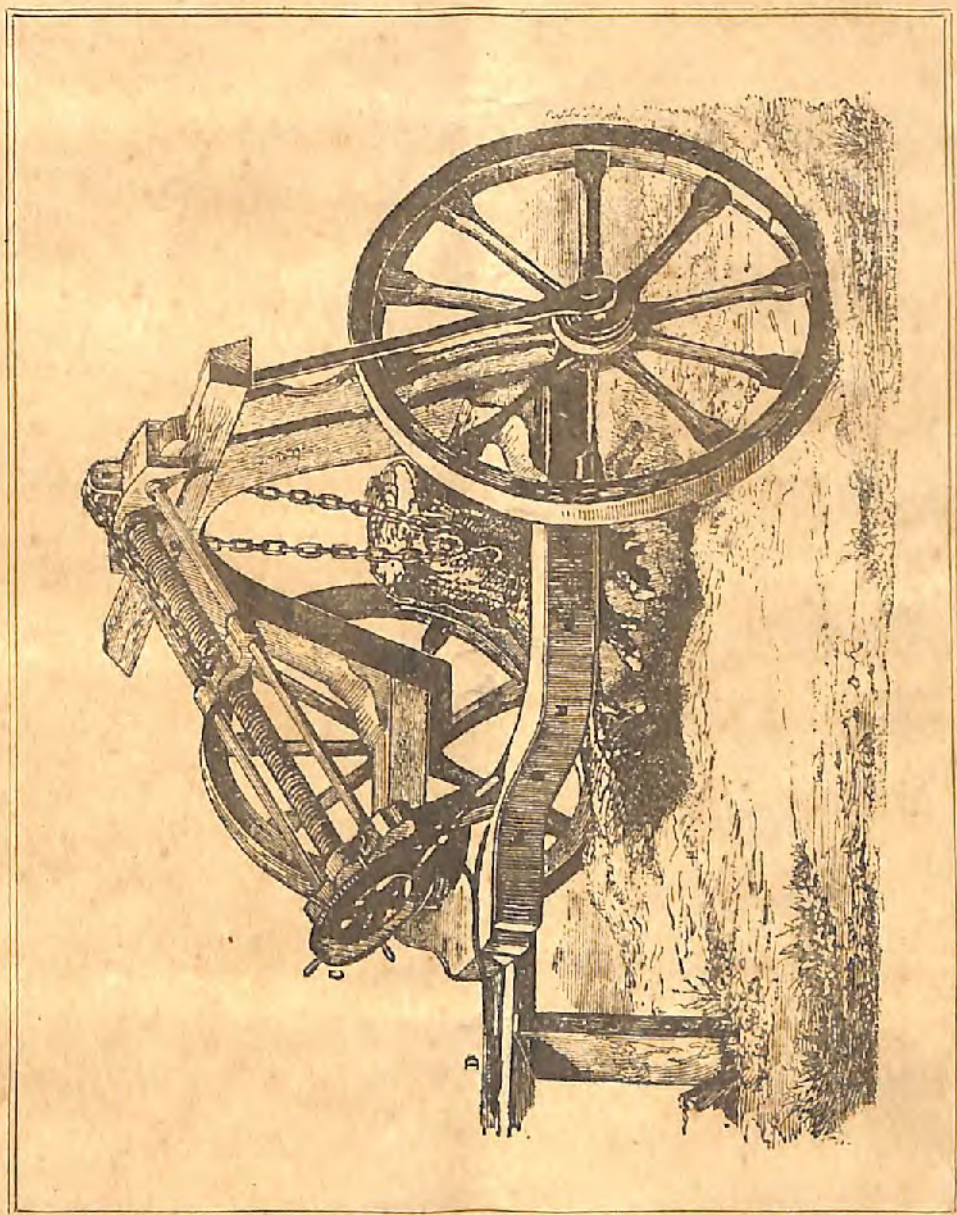
Damos hoje a reproducção de tres, sendo um conhecido, e outros dous, cuja acção combinada pôde desembaraçar as lavouras dos mais insignificantes como dos maiores e mais pesados tocos, e isso, sem trabalho excessivo.

O primeiro destes, reproduzido no texto, é uma simples alavanca, B, fixada ao tronco, S, por uma cavilha, A, e uma corrente, a.

Depois de cavar convenientemente para cortar as raizes e isolar o tronco, imprime-se, no sentido da flecha, um movimento de rotação que não tarda a arrancar o toco do seu alveolo.

Sendo grande a resistencia, pôde ser,





ARRANCA-TOCOS (*Stump-puller*) AMERICANO

A peste dos suínos — O Sr. Dr. Salvador Barradas, commissionado pela Sociedade Nacional de Agricultura para estudar a molestia que ameaça fazer desaparecer dos nossos Estados contraes os suínos, cuja produçção formava uma das principaes fontes de rendimentos, está continuando activamente os seus estudos.

Depois de observar *in situ* o apparecimento e a marcha do flagello, no municipio do Bananal de S. Paulo, cujo prejuizo foi total, os seus estudos no laboratorio o levaram a isolar um microorganismo que considera como o agente da infecção. Pela inoculação das suas culturas, elle está procurando provocar experimentalmente a molestia, afim de confirmar de modo indubitavel o seu diagnostico.

Conseguida essa confirmação, a intenção do Dr. Salvador Barradas é de procurar, nas culturas attenuadas, a vacina immunisante, que, só, póde salvar tão importante ramo [da nossa produçção rural.

Os arreios e a tracção. — A facilidade do trabalho e a diminuição do esforço de tracção, e, por conseguinte, a melhor utilização do motor animal, dependem em grande parte dos arreios.

Com arreios bem combinados e bem feitos, o ponto de applicação da força se acha no logar conveniente, evitando assim os contra-esforços, as reacções que duplicam inutilmente as resistencias. De mais a mais, um cavallo bem arreiado, e cujos arreios estão bem proporcionados ao tamanho e á forma do corpo, não sentindo constrangimentos nem feridas, dá tudo quanto póde dar, sem se poupar, nos passos difficeis, nem se negar aos arrancos.

Mais se vai aperfeiçoando a lavoura, mais se estabelece e se firma o costume de fazer arreios sob medida para cada animal, que sendo, vendido mais tarde, vende-se com os seus arreios proprios.

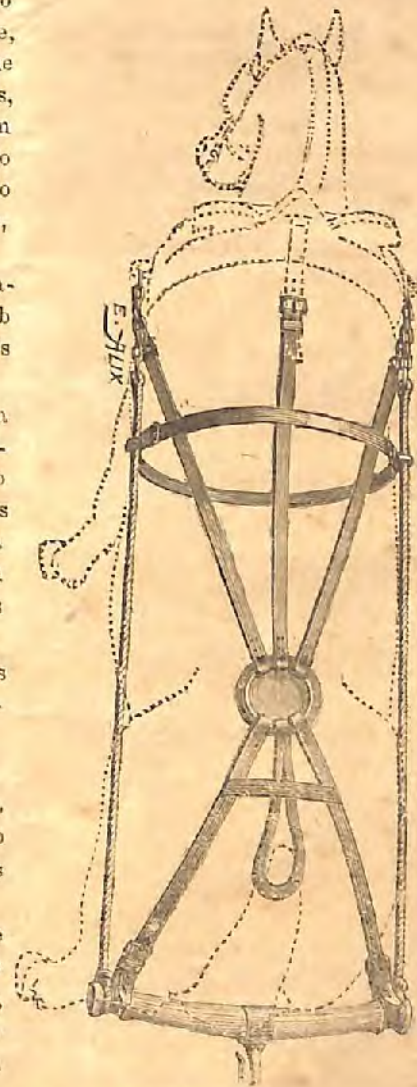
Apesar da sua importancia toda, é questão esta muito descurada entre nós. Tudo serve, tudo se aproveita: corrente, correia, corda, lonca ou imbirá. Não sómente não fazemos os arreios sob medida, mais ainda reduzimos-os á mais simples expressão, e essa reduçção mesmo, quasi irreductivel, nem uma em mil é appropriada, não digo mesmo ao animal, mas ao trabalho ao qual está ella destinada.

Em materia de luxo, mesmo, como sellas ou arreios de carros, em que ha, muitas vezes, profusão de ornamentação, falta, não raro, o essencial.

Com as sellas, sobretudo!

Quem se lembra, ao comprar uma, de verificar se, servindo para o cavalleiro, servirá tambem para o cavallo ao qual se destina? Alguns, na verdade, mas poucos.

Em todo o caso, menos ainda procuram verificar se tal ou tal forma é racional; se tem outro motivo que não seja a rotina ou um vão enfeite; se, por exemplo, as enormes barrigueiras que *encolletam* os nossos comedores de pastos verdes, immobilisam melhor a sella do que a modesta chinha do sobaco.



Arreios A. Bajao.

Como consequencia, não só chega mais depressa a fadiga, com esforço menor, mas as feridas se multiplicam, e marcham o pello dos animaes de maior estimação e valor com indeleveis signaes da nossa culpavel incuria.

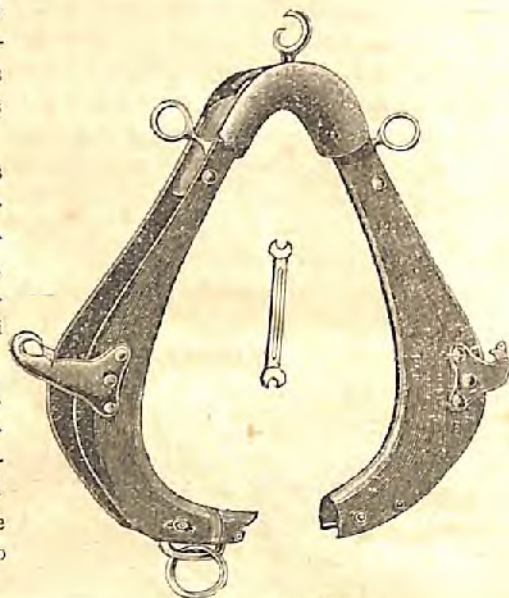
Se todos elles merecem a nossa attenção, os que a prendem naturalmente com mais interesse urgencia são aquelles que pucham os instrumentos agrarios e os pesados vagões das nossas explorações ruraes.

Já, no 1º numero da nossa 1ª serie, tratámos longamente dos bois e do jugo. Hoje chamaremos toda a attenção dos lavradores cuidadosos para os arreios dos cavallos e bestas, dando-lhes, como modelo, os que foram combinados pela casa A. Bajac, e que vão aqui reproduzidos.

Com esse systema, os tirantes, bem mantidos, não offendem; a carga está perfeitamente repartida, e as peças, completamente immobilizadas, não produzem os attritos tão funestos. A argola de ferro, recuada até a anca, substitue com vantagem o sellim, que, descansando no lombo, provoca alli uma excitação perigosa.

O todo está completado por uma colleira leve e apropriada, de ferro ou de madeira, conveniente forrada.

Assim arreiado, o animal dará o maximo de força, com o minimo de esforço e de fadiga, e sem as feridas funestas que estampam, no seu couro, a incuria cruel e irracional do seu dono.



Colleira metallica.

O Phylloxera em Hamburg—O Senado e o Conselho Communal da Cidade Livre de Hamburg, porto principal da Allemanha, acabão de votar as seguintes medidas, que foram immediatamente postas em execução, contra o *Aspidiotus* ou piolho de S. José, o Phylloxera e outros inimigos.

Construiu-se provisoriamente, no Hansehof, em frente ao caes Oswald, um armazem de 225 metros por 30, contendo um laboratorio para exame, e depositos para 30.000 barricas de fructas.

Essa construcção, feita só por tres annos e como ensaio, custou com as machinas, aguinçastres a vapor e a mão, laboratorio e o resto, 339.000 marcos, ou perto de 600.000\$000.

A verba annual attribuida ao laboratorio é de 16.000 marcos, ou perto de 80.000\$000.

O pessoal, além do exame das fructas e plantas importadas, visitará, no verão, as plantações, hortas, jardins e estabelecimentos de culturas do territorio da cidade.

O imposto de inspecção é de 0.20 pf. (\$340) por volume importado, com mais 0,02 (\$934) por 1/10 kilos de armazenagem, não podendo este exceder dez dias.

Não seria exemplo a seguir ???

Feijão «Dr. Moura Brazil»—O Dr. Germano Vert conseguiu, nas suas culturas, um feijão que merece a attenção dos horticultores e lavradores.

Esse novo legume, que pertence ao grande e precioso genero dos Dolicos, aos quaes já devemos o feijão Mauá, o Chicote, a Soja e o feijão da China, sem contar o famoso mucunã, é um producto de selecção do Mauá, do qual se differença pelo habito mais robusto,

a flor mais azulada, o grão maior, mais arredondado e pintado irregularmente de manchas escuras, e, sobretudo, por sua grande fertilidade.

Essencialmente trepador, elle fórma verdadeira latada, que produz, sem interrupção, durante mais de um anno, abundante e saborosa colheita.

As vagens verdes, se bem que comestiveis, são inferiores, como as do typo, mas menos do que ellas, ás do feijão Chicote, os grãos, debulhados logo depois de maduros, constituem, porém, excellente e poderoso alimento,

Em plena produção, a planta produz perto de um litro por mez.

Sendo esta a primeira aquisição confirmada desde a fundação da Sociedade Nacional de Agricultura, quiz, o autor, dedicar-a ao seu illustre e incansavel presidente, dando-lhe o nome de *Feijão Dr. Moura Brasil*.

Será precioso recurso para os grandes e pequenos lavradores, que nelle acharão como variar a sua alimentação sem trabalho, e como encontrar saudavel e saboroso legume no tempo mesmo em que os outros desaparecem com o calor.

Eis aqui a carta pela qual o Dr. Germano Nert communica a sua aquisição á Sociedade.

« Illm. Sr. Dr. Moura Brasil, M. D. Presidente da Sociedade Nacional de Agricultura.

Tenho a honra de offerecer aos meus antigos collegas ⁽¹⁾ da Directoria um exemplar do meu modesto trabalho sobre o fumo, que lhes peço aceitem como testemunho de estima e amizade.

Remetto á Sociedade, que tão dignamente preside V. S. algumas sementes de uma qualidade de *dolichos*, obtidas por mim seleccionando a especie conhecida vulgarmente por *feijão Mauá* ou *feijão dos pobres*, talvez a *banette* das colonias francesas.

A semente, maior e mais arredondada, é amarella escura, com manchas côr de pinhão irregularmente distribuidas, enquanto que o dolico typo tem-n'a quasi quadrada e côr de oca.

As vagens são maiores e mais cheias, e a planta toda robusta e prolifera. O numero de sementes é, no minimo, de 18 por vagem.

A flor, em vez de ser violetta, como no typo, é azul, com o estandarte verde-azulado, lavado de amarello, e uma mancha alongada, branca, cercada de côr de violetta, na parte superior da asa. A carena fica mais escondida pelas asas.

A planta que deu as sementes juntas tem seis centimetros de grossura a 25 c/m de terra, e uns 10" ou mais de comprimento no ramo principal, sendo muito ramificada.

Sendo variedade nova, e que me pareça merecedora do attenção, peço licença para dedicar-a á V. S., pedindo á Sociedade approve a sua denominação de *Dolico Dr. Moura Brasil*.

E' um legume excellente, muito productivo, quando convenientemente sustentado em latada, e que dá tolo o anno durante um a dous annos. Um pé, em taes condições, póde, no momento favoravel, render um litro de sementes por mez.

Não é planta de grande cultura, mas, na horta, merece occupar um lugar e receber cuidados, que pagará generosamente com um alimento são e abundante, precioso recurso durante o calor, tempo em que os grãos, apanhados logo que amarellece a vagem, são muito apreciavel manjar.

Tem, infelizmente, numerosos inimigos. Além do gorgulho, commum com as mais e guminosas, que remetto junto, o peor é o tico-tico. As vagens juntas darão idéa dos seus estragos.

Acceite, Sr. Presidente, a expressão da minha mais subida estima e consideração. »

DR. GERMANO VERT.

(1) O Dr. Germano Vert pedio dispensa do cargo de Secretaria Geral.

Exposição Agricola em Pelotas.—Tendo a Sociedade Nacional de Agricultura officiado a varios fabricantes e depositarios de machinas para a lavoura e industrias agricolas, com sede nesta Capital, pedindo que concorressem á *Exposição Agricola* que a Sociedade Agricola Pastoril do Rio Grande do Sul pretendia realizar em Pelotas, em 21 de abril, cumprimos o dever de agradecer aos Illms. Srs. Arens Irmãos a resposta que se dignaram dar ao officio desta Sociedade, lastimando ao mesmo tempo que de nem um outro fabricante ou depositario de machinismose instrumentos agricolas, a quem se officiou, tivesse esta Sociedade recebido resposta alguma.

Cumpra notar que os referidos officios desta Sociedade, assignados pelo Sr. Dr. J. C. de Moura Brazil, não seguiram pelo Correio: foram entregues em mão propria.

Officio dos Srs. Arens Irmãos:

Illm. Sr. Dr. J. C. Moura Brazil, Presidente da Sociedade Nacional de Agricultura.

Amigo & Senhor — Accusando a recepção do prezado obsequio de V. S., de 15 do p. p. pelo qual fomos distinguidos com o seu amavel convite para concorrermos á exposição Agricola em Pelotas, nos cumpre responder que, sendo a dita exposição distante da nossa zona, e havendo alli casas importadoras dos appparelhos agrarios etc, deixamos de concorrer á exposição.

Reiterando os nossos cordiaes agradecimentos, nos firmamos com estima e apreço

De V. S. Am.^o Obr.^o e Cr.^o

(Assignado) ARENS IRMÃOS.

Nomeações.—E'-nos grato comunicar que o Dr. J. C. de Moura Brazil e o Dr. A. F. Campos da Paz, presidente e vice-presidente da Sociedade Nacional de Agricultura, foram nomeados socios honorarios da Sociedade Estadual de Agricultura do Paraná e da Sociedade Auxiliadora da Agricultura, do Recife, Estado de Pernambuco, assim como foram nomeados socios correspondentes da Sociedade Agricola e Pastoril Castrense, da cidade de Castro, Estado do Pará.

Quarto Centenario do Descobrimento do Brasil — A Associação do 4º centenario do descobrimento do Brasil dignou-se honrar a Sociedade Nacional de Agricultura, conferindo-lhe o titulo de socio fundador titular da mesma Associação. Sobre esse facto foram trocados, entre aquella Associação e esta Sociedade, os seguintes officios:

« Associação do 4º centenario do descobrimento do Brasil:

« Conselho deliberativo.

« Rio de Janeiro, em 9 de março de 1899.

« Tenho a honra de participar, que, em sessão deste conselho, foi a Sociedade Nacional de Agricultura acceita na categoria de socio fundador titular da Associação do 4º centenario do descobrimento do Brasil.

« Cumprindo esta incumbencia, passo ás mão de V. Ex. um exemplar dos respectivos estatutos, e rogo a valiosa cooperação de V. Ex. para a realisação dos patrioticos intentos da mesma Associação, independente da remessa do diploma, que será feita opportunamente.

« Ao Illm. Sr. Dr. José C. Moura Brazil, presidente da Sociedade Nacional da Agricultura. — O secretario do Conselho, Dr. A. de Paula Freitas.»

« Illm. Exm. Sr. — Em nome da Sociedade Nacional de Agricultura, cabe-me a honra, que me desvaneca, de accusar o recebimento do officio-circular de V. Ex., com o qual dignou-se comunicar-me que a Associação do 4º centenario do Descobrimento do

Brasil, houve pôr bem acceitar a Sociedade Nacional de Agricultura na categoria de socio fundador titular dessa nobre e patriótica Associação.

« Pretendia esta Sociedade realisar, no proximo anno de 1900, uma exposição agricola, para commemorar a celebre data do descobrimento do Brasil. Uma proposta neste sentido, apresentada em sessão de directoria desta Sociedade pelo 1º secretario, chegou a ser approvada para ser levada á discussão e deliberação do conselho superior desta mesma Sociedade. A falta, porém, de recursos, principalmente pecuniarios, para a effectividade de um tentamen dessa ordem, dissuadio-nos de semelhante proposito.

« E'-nos grato portanto, offerecer congregados os esforços, que tinhamos em mente, á Associação do 1º centenario do descobrimento do Brazil, para a realisação dos patrioticos intentos que essa Associação projectou.

« Em nome da Sociedade Nacional de Agricultura, acceito penhorado a distincção que esta Sociedade recebeu e prometto trabalharmos, emquanto couber em nós, para que a commemoração do 4º centenario do descobrimento do Brazil seja um feito digno de nossa Patria e da Associação que a vai realisar.

« Rogo a V. Ex. o especial obsequio de transmittir o conteúdo deste officio ao Exm. Sr. presidente e mais membros do conselho deliberativo da Associação do 4º centenario do descobrimento do Brazil.

« Ao Illm. Exm. Sr. Dr. Antonio de Paula Fretas, secretario do conselho deliberativo da Associação do 4º centenario do descobrimento do Brazil. — Dr. José C. P. Moura Brazil, presidente.»

Communições officiaes— Tendo a Sociedade Nacional de Agricultura communicado ao governo dos Estados da União a noticia da eleição de sua directoria, que tem de servir até o proximo anno de 1900. recebemos varios officios a esse respeito que muito nos penhoram. Transcrevemos os officios dos Srs. Conselheiro Dr. Luiz Vianna, governador do Estado da Bahia; e Paes de Carvalho, governador do Estado do Pará e no mesmo sentido accusamos o recebimento de officios que muito nos desvanecem, do Governo dos Estados de Minas Geraes, S. Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Pernambuco e Ceará.

« Palacio do Governo do Estado da Bahta, 13 de março de 1899.

« Ao Sr. Dr. Presidente da Sociedade Nacional de Agricultura.

« Tenho a satisfação de accusar recebido vosso officio datado de 3 do mez corrente em que me communicaes, gentileza que vos agradeço, a eleição dos novos funcionarios para os cargos da directoria dessa Sociedade no anno social corrente, cabendo-vos, em honrosa realisação, o logar de Presidente.

« Agradeço igualmente e retribuo os protestos de estima e apreço que em vosso nome e no da directoria eleita, me apresentaes, manifestando-vos os meus votos pela crescente prosperidade de vossa util e patriótica associação.

« Saúde e frateanidade— *Luiz Vianna* ».

« Palacio do Governo do Estado do Pará, Belém, 13 de março de 1899.

« Exm. Sr. — Cabe-me o prazer de accusar o recebimento do officio de 23 de fevereiro findo, em que V. Ex. communicou-me haver sido, em assembléa geral da Sociedade Nacional de Agricultura de 21 daquelle mez, eleita a directoria que deve funcionar até ao proximo anno de 1900.

Com a delicadeza desta communicação, V. Ex. me fornece propicio ensejo para apresentar-lhe as minhas cordiaes felicitações pela distincção com que aquella florescente Sociedade o tem excolhido para presidil-a, ao passo que lhe envio tambem as expressões de minha estima e consideração particular.

« Agradecendo os offerecimentos que, de seus serviços, me faz a illustre directoria da Associação, apraz-me retribuil-os aqui sinceramente.

« Saúde e fraternidade— Ao Illm. Sr. Dr. J. C. M. Brasil, Presidente da Sociedade Nacional de Agricultura— *José Paes de Carvalho* ».

ADUBOS

PREÇO CORRENTE NOS MERCADOS FRANCESES
DEZEMBRO DE 1938

Não incluindo fretes e comissão, e por um mínimo
de 5.000 kilos

Adubos azotados

ADUBO	AZOTO %	FRANCOS % K.
Sangue secco, em pó . . .	11/13	20.75 a »
Carne secca, » » . . .	9/11	18.60 » »
Chifres torrados, em pó . .	11/15	20.00 » »
Couros » » » » . . .	8/9	11.00 » »
Nitrato de Sodio	15/16	20.00 » 21.50
Nitrato de Potassio (41 % Potassa)	13	47.25 » »
Sulfato de Ammonio	20/21	25.80 » »

Adubos potassicos

ADUBO	POTASSA %	FRANCOS % K.
Chlorureto de Potassio . . .	48/52	21.75 a »
Sulfato » » »	48/52	21.40 » »
Carbonato » » »	88/90	43.00 » »
Kainite a 25 % de Sulfato .	12/13	6.00 » »

Adubos phosphatados

ADUBO	AC. PHOSPH. %	FRANCOS % K.
Ossos em pó com 3/4 % Azoto	12/15	11.00 a »
Ossos fervidos com 1/1.5 % Azoto	20/22	10.75 » »
Ossos superphosphato puro	13/18	8.60 » 8.00
Ossos superphosphato com 2/3 % Azoto	15/17	12.50 » »
Superphosphatos mine- raes	14/16	7.50 » 8.00
Phosphato precipitado . .	33/40	16.95 » 17.50
Escórias de Longwy . . .	—	3.45 » 3.75
» Thomaz	—	3.00 » 3.60

Phosphatos fcsseis

ORIGEM	AC. PHOSPH. %	NO CARRO OU A BORDO EM	FRANCOS % K.
Somma	18/25	Doullens . . .	2.05 a 2.30
Cambrésis	12/14	Haussey . . .	» » »
Oise	16/22	Breteil . . .	1.90 » 2.30
Ardenas	16/20	todas as esta- ções	3.00 » 3.20
Rhodano	25/20	Bellegarde . .	3.60 » 4.00
Auxois	23/30	todas as esta- ções	5.00 » 5.80
Indre	15/20	Argenton . . .	4.00 » 5.50
Lot	13/30	todas as esta- ções	3.55 » 4.25
Tebessa	27/20	Marselha . . .	5.50 » 7.20
Florida	14/20	Nantes	5.25 » »

Os fretes podem ser calculados em 2 g por to-
nelada, e a comissão em 7,5 a 10 % segundo a
casa importadora.

N. D. R.

ARTIGOS DO PAIZ

ARROZ:

	SACCO
Nacional	28\$000 a 30\$000
Iguape	30\$000 a 33\$000

BANHA:

	KILO
Nacional	1\$200 a 1\$300

CEBOLAS:

	BESTEIA
Rio Grande	2\$000 a 2\$500

CARNE SECCA:

	KILO
Rio Grande	Nominal
Platina	\$900 a \$940
Systema Nacional	\$700 a \$740

FARELLO

	40 KILOS
Nacional, Moinho Ingles . . .	4\$700 a 4\$800
» » Gianelli	4\$800 a 5\$000

FEIJÃO:

	SACCO
Porto Alegre	16\$000 a 20\$000
Laguna	16\$000 a 20\$000

FARINHA DE TRIGO:

	BARRICA
Nacional	38\$000 a 40\$000

FARINHA DE MANDIOCA:

Suruhy	20\$000 a 22\$000
Magé	18\$000 a 20\$000
S. Matheus	18\$000 a 20\$000
Porto Alegre, grossa	11\$500 a 12\$000
Dita, fina	16\$000 a 20\$000
Santa Catharina	14\$000 a 15\$000

GORDURAS:

	KILO
Em pipas	\$900
Graxa em bexigas	\$900
Sebo coado	\$900
Dito soccado	\$500
Azeite de palma	18\$000
Dito de potro	\$900
Dito de mocotó	18\$000
Sebo do matadouro	\$900

HERVA MATTE

Laranjeira, em latas	1\$200
» » em bolsas	1\$100
Paraná, em pacotes	1\$200
» » em barricas	1\$000

LINGUIÇAS:

Pelotas	1\$000 a 1\$200
Porto Alegre	1\$000 a 1\$200
Diversas	1\$000 a 1\$400

MANTEIGA:

Nacional Santa Catharina . . .	3\$000 a 3\$200
--------------------------------	-----------------

MILHO:

	SACCO
Mundo da terra	11\$500 a 12\$000
Grão da terra	Nominal

SAL:

	40 LITROS
Assu-Mossoró, Camocim	3\$800 a 1\$000
Aracaju	»

TOCINHO:

	KILO
Minas Geraes, superior	1\$100 a 1\$300
Dito, regular	\$100 a 1\$200
Colonias	\$100 a \$150

Cotação de café

Tipos	15 kilos	10 kilos
4	133500 a 143200	93100 a 93800
5	135000 a 143300	93300 a 93400
6	125400 a 135000	68500 a 93000
7	118800 a 123100	88200 a 88300
8	118200 a 123000	78800 a "
9	108500 a 113400	68510 a 78300
ASSUGAR:		
Pernambuco:		
Usina		\$800 a \$820
Branco Usina		\$800 a \$120
Crystallizado		\$580 a \$600
3ª sorte		\$570 a \$580
Somenos		\$590 a \$520
Mascavinho		\$450 a \$430
Mascavos:		
Bom		\$400 a \$420
Regular		\$380 a \$400
Maceió:		
Crystaes		\$530 a \$180
Somenos		\$180 a \$500
Mascavo		\$330 a \$330
Sergipe:		
Branco		Não ha
Mascavinho		Idem
Mascavos:		
Bom		Idem
Baixo		Idem
Campos:		
Branco, crystallizado		\$180 a \$100
Mascavinho		\$430 a \$500
Mascavo		Não ha
ALGODÃO:		
		POR 10 KILOS
Pernambuco		133500 a 133300
Maceió		133500 a 133100
Parahyba		133000 a 133100
Penodo		Nominal
Aracaju		"
Mossoró		93500 a 103300
AGUARDENTE:		
		PIPA
Paraty		2305000 a 2358000
Bahia		2205000 a 2253000
Pernambuco		2358000 a 2403000
Maceió		2358000 a 2403000
Aracaju		2255000 a 2305000
Campos		2305000 a 2351000
Angra		2505000 a 2605000
Mangaratiba		2505000 a 2558000
Maceió		2305000 a 2335000
Laguna		2458000 a 2505000
Paranaguá		2458000 a 2505000
Parahyba		2405000 a 2505000
Itajahy		2505000 a 2558000
ALCOOL:		
40º		4105000 a 4505000
33º		4205000 a 4305000
35º		4105000 a 4205000
FUMOS DIVERSAS		
Minas especial		28500 a 28300
" superior		28300 a 28400
" segunda		18300 a 18400
" ordinario		18200 a 18300
Goyano superior		33500 a 33600
Dito 2ª		23500 a 33000

Dito baixo	23300 a	23100
Rio Novo superior	38100 a	33200
Dito 2ª	23500 a	23300
Dito baixo	23300 a	23400
Pomba superior	23700 a	23500
Dito 2ª	23300 a	23400
Carangola	23000 a	23100
Picó superior	38000 a	38200
Dito 1ª	38000 a	38200
Dito 2ª	23400 a	23500
Bahia	18800 a	18000
Pernambuco	18000 a	18200
Rio Grande, hna folha	18400 a	18500
Dito 1ª	3800 a	3800
Dito 2ª	3800 a	3700
Bahia em folhas:		
1ª excolha	23800 a	23900
2ª dita	23400 a	23500
3ª dita	18800 a	18900

ARTIGOS DO ESTRANGEIRO

AGUA-RAZ:		KILO
Kilogramma	13000 a	13050
ALFAPA:		
Kilogramma	\$170 a	\$200
ALHOS:		
Alhos de Lisboa, caixa	255000 a	305000
Ditos italianos, cento	13500 a	18800
AMENDOAS:		KILO
Em casca	\$800 a	13000
ARROZ:		SACCO
Estrangeiro	225500 a	235000
AZEITE DOCE:		
Latas grandes	285000 a	315000
Ditos de litro	18700 a	18900
Pipas	5505000 a	6005000
AZEITONAS:		
Latas grandes	23000 a	23200
" pequenas	\$500 a	\$500
BANHA:		
P. T. George, 450 grammas	\$800 a	\$820
Amour Globe, 450 grammas	\$750 a	\$800
Americana, latas	13100 a	13500
BREU:		
Barrica	255000 a	263000
Dita, escuro	225000 a	235000
BATATAS:		NEIA CAIXA
Lisboa	98000 a	105000
Francesas do Havre	118000 a	128000
" Bordeaux	115000 a	125000
CEBOLAS:		CAIXA
Lisboa		Não ha
Grandes do Porto		"
Grandes Lisboa		"
Mind s		"
CANHAMAO:		METRO
1ª qualidade		Nominal
2ª qualidade		"

CARNE SECCA :

Rio da Prata :	KILO
Nova	\$920 a 1\$000
Velha	\$360 a 880
Manta, só	\$980 a 1\$020

CARNES DE PORCO :

Pelotas	1\$000 a 1\$200
Porto Alegre	
Diversas	

CHA' DA INDIA :

Hysson verde	8\$000 a 12\$000
Dita, preto	7\$000 a 11\$000

CONSERVAS ALIMENTICIAS :

	LATA
Frutas em calda	1\$200 a 1\$400
Lombo de porco assado	1\$300 a 1\$500
Linguiça, 1 prompta	1\$300 a 1\$400
Massa de tomate de Lisboa, libra conforme a marca	\$700 a \$800
Dita do Porto, libra	\$800 a \$900
Legumes	\$800 a 1\$200
Salpicões, kilo	3\$800 a 4\$000
Sardinhas, quarto	\$300 a \$350
» em azeite	\$300 a \$350
» » tomate	\$350 a \$400
» hespanholas	\$300 a \$350
Ervilhas de Lisboa	\$900 a 1\$100
Marmelada de Lisboa	1\$300 a 1\$300
Dita do Porto	1\$200 a 1\$500
Peixe de Lisboa	1\$200 a 1\$500
Linguiça grossa de Lisboa, a libra	1\$700 a 1\$850

FARELO :

Rio da Prata	40 KILOS
	5\$000 a 5\$200

FEIJÃO :

	SACCO
Estrangeiro, branco	24\$000 a 28\$000
Dito idem miúdo	30\$000 a 32\$000
» » côres	15\$000 a 25\$000

FARINHA DE TRIGO :

	BARRICAS
Richmond, 1a	39\$000 a 40\$000
Dita 2a	Nominal
Baltimore, 1a	39\$500 a 40\$000
Dita 2a	31\$500 a 40\$000
W. Interior	33\$500 a 39\$000
Diversas	39\$000 a 40\$900
Trieste, S. S. S. F.	Nominal
Rio da Prata	29\$000 a 30\$000

FIGOS :

Figo em caixa, arroba	Nominaes
Diversos, c. 2 lb	

LINGUIÇAS :

	KILO
Fumaça	1\$300 a 1\$800
Espanhadas	1\$200 a 1\$400

LINGUIÇAS :

Fitas de Lisboa	1\$500 a 1\$600
---------------------------	-----------------

MASSAS ALIMENTICIAS :

	CAIXA
Bertoglio	12\$000 a 13\$000
Ravaro	12\$000 a 13\$000
Sassarego	14\$000 a 16\$000

MILHO :

	SACCO
Correntino	11\$500 a 12\$000
Rio da Prata	11\$000 a 12\$000

MANTEIGA :

	KILO
Demagny, latas pequenas	3\$300 a 3\$350
Dita, ditos, latas sortidas	3\$000 a 3\$300
Dita, latas grandes	2\$600 a 2\$650
J. Lepelletier, pequenas	2\$800 a 2\$850
Ditas, idem, sortidas	2\$700 a 2\$800
Ditas, latas, idem, grandes	2\$350 a 2\$700
Bretel sortidas	2\$600 a 2\$640
Dinamarqueza	2\$650 a 2\$700
Anatolie, sortidas	2\$580 a 2\$600
A. Faccoli	2\$500 a 2\$550
Outras marcas francezas sortidas	2\$400 a 2\$500
Modesto Gallone (marca ancora)	2\$400 a 2\$500

OLEO DE LINHAÇA :

	KILO
Barris	\$950 a 1\$000
Latas	1\$000 a 1\$150

PASSAS :

Caixa	13\$000 a 18\$000
-----------------	-------------------

PIMENTA DA INDIA :

Kilogramma	2\$200 a 2\$300
----------------------	-----------------

PINHO :

Resina, duzia	77\$000 a 78\$000
» branco	Nominal
Sueco	95\$000 a 98\$000
» vermelho	
Spruce, duzia	85\$000 a 86\$000
Americano pé	\$200 a \$220

PRESUNTOS :

459 gr. Communs	1\$800 a 2\$800
» » Superiores	2\$500 a 3\$000
» » Americanos	1\$800 a 2\$000

SEBO :

Em pipas ou bordalesas	KILO
	\$900

SAL :

	40 LITROS
Cadiz, nominal	3\$800 a 4\$000
Aveiro, idem	»
Setubal, idem	»

TOCINHO :

	KILO
Americano, P. T. George	1\$450 a 1\$500
Col., Moore fumado	Não ha

VINAGRE :

	PIPA
Lisboa	240\$000 a 260\$000

VINHO :

	PIPA
Virgem do Porto	320\$000 a 370\$000
Verde	320\$000 a 350\$000
Lisboa, tinto	320\$000 a 350\$000
Figueira, tinto	330\$000 a 350\$000
Figueira, branco	400\$000 a 420\$000
Maduro	400\$000 a 450\$000
Porto, fino	500\$000 a 700\$000
Porto, caixa	15\$000 a 40\$000
Andersen, »	17\$100 a 20\$500
Rocha Leão, caixa	23\$000 a 24\$000
Villar d'Alem, »	31\$000 a 31\$000
Moscatei, »	20\$000 a 28\$000
Lisboa, branco	450\$000 a 480\$000
Bordões	Nominal
Idem, caixa	25\$000 a 45\$000
Italianos	Não ha
Hespanhol, tinto	270\$000 a 300\$000
Idem branco	350\$000 a 400\$000

HORTULANIA

Jens Sand & C.

Plantas, Bulbos e Sementes

*Ferragens, Instrumentos, Utensílios e accessorios
para Lavoura e Jardinagem*

Instrumentos e Apparelhos

DE

VITICULTURA

Canarios, Gaiolas e Alimento

45, RUA MOREIRA CESAR, 45

Antiga do Ouvidor

CAPITAL FEDERAL

O CREDITO AGRICOLA

E AS

SOCIEDADES DE CREDITO AGRICOLA

POR

FABIO NUNES LEAL

(ADVOGADO)

PREÇO 5\$000

Na sede da sociedade ou em todas
as Livrarias da Capital

CAFÉ

Machinas a vapor e caldeiras, rodas hydraulicas, todas de ferro
ou ferragem para se fazer de madeira
Rodas hydraulicas systema Pelton ou Leffe, rodizios para moinhos, ditos melhorados
Motores hydraulicos suissos ; despoldadores para café,
Ventiladores, burnidores, catadores e separadores
Ferragens para elevadores de correia ou corrente e caçambas para os mesmos
Chapas de cobre preparadas para despoldador, peneiras de cobre, zinco ou ferro
Correias inglezas e nacionaes, borracha em lençol e discos
Eixos, arroellas, luvas, mancaes, parafusos e polias
Têla de arame de aço para descascadores
Polias, chapas e discos de ferro fundido ou aço para descascadores de diversos systemas.

Temos sempre em deposito todos os accessorios concernentes ás machinas de lavoura

DESCASCADOR SANTA RITA

Não tem borracha nem registros complicados para regular o bom effeito do
trabalho. Garante-se não quebrar café. Occupa pouco espaço. Depende de pouca força.
Reforma economica. Solido e elegante.

ROCHA PASSOS & C.

20 Travessa de Santa Rita 20

ADUBOS

Phosphato de cal, Cinzas de ossos, Nitrato de potassa, Sulphato de ammonio

VENDE-SE QUALQUER PORÇÃO

20 TRAVESSA DE SANTA RITA 20

MONOGRAPHIAS AGRICOLAS BRASILEIRAS

I

O FUMO

CULTURA E PREPARAÇÃO

PELO

DR. GERMANO VERT

COM PREFACIO

PELO

DR. ARTHUR FERNANDES CAMPOS DA PAZ

PREÇO 2\$500

EM CASA DO AUTOR

16, RUA DO RECONHECIMENTO, 16

(NITERÓY)

DEPOSITO GERAL

LAEMMERT & C.^a

RIO DE JANEIRO

MANUAL PRATICO

DO

VITICULTOR BRAZILEIRO

TRATADO PRATICO

DE

VITICULTURA NACIONAL

PELO

DR. CAMPOS DA PAZ

1º Vice-presidente da Sociedade Nacional de Agricultura

PREFACIO

PELO

Dr. Luiz Pereira Barreto

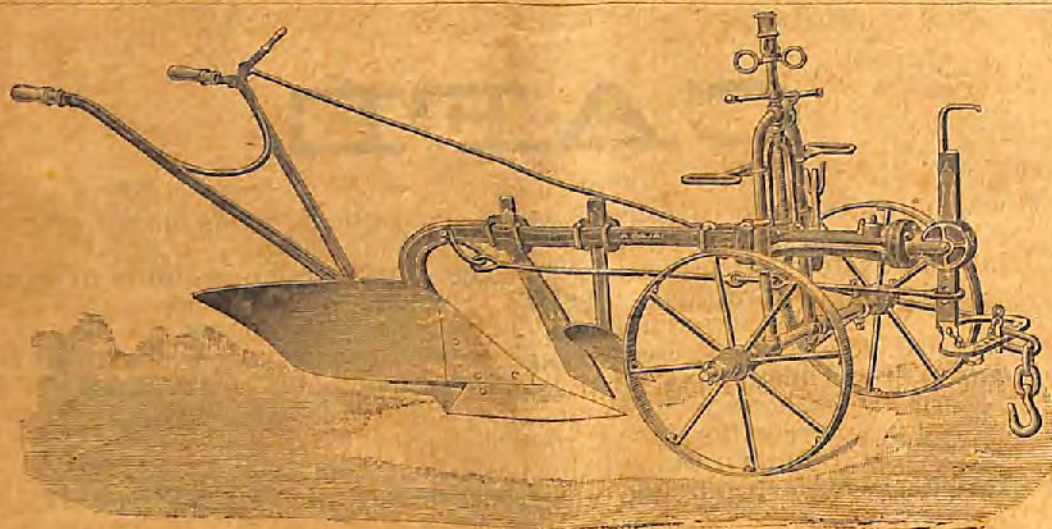
Presidente honorario da Sociedade Nacional de Agricultura

Preço 5\$000

Na Séde da Sociedade ou na Livraria

Francisco Alves

RUA DO OUVIDOR N. 134



ARENS IRMÃOS

AGENTES DE DIVERSAS FABRICAS IMPORTANTES DA ALLEMANHA, FRANÇA, INGLATERRA E ESTADOS-UNIDOS

DE

Arados, Semeadores, Quebradores de Torróes, Grades, Debulhadores de milho,
Moinhos de Fubá e Trituradores de milho.

Machinismos para benedictar café e arroz e para o fabrico de assucar, aguardente, farinha de mandioca, etc.

Machinas a vapor da afamada fabrica de **MARSHALL SONS & Co, Limited**, da Inglaterra

MOTORES A GAZ, A KEROZENE E HYDRAULICOS

INSTALLAÇÕES ELECTRICAS

Tem sempre em exposição grande variedade de instrumentos aratorios e de
machinismos para a lavoura e industria, nos seus armazens

RUA DA QUITANDA N. 147

Rio de Janeiro

RUA DIREITA N. 9

S. Paulo

OFFICINAS EM JUNDIAHY

PEÇAM CATALOGOS COM DESCRIPÇÕES EM PORTUGUEZ

Sociedade Nacional de Agricultura

EXTRACTO DO REGULAMENTO

Art. 1.º A Sociedade Nacional de Agricultura é uma aggremação de lavradores e de amigos da lavoura, a qual tem por fim empenhar collectivos e individuaes esforços em bem da agricultura nacional, occupando-se de todos os assumptos que possam trazer o progresso agricola da Republica dos Estados Unidos do Brasil, entendendo-se por ali tudo que possa referir-se ás aguas e florestas, aos assumptos agrarios, á cultura do sólo, á creação e ás industrias ruracs.

§ 1.º Os associados serão :

- a) Membros effectivos ;
- b) Membros correspondentes ;
- c) Membros honorarios.

Art. 2.º A direcção superior da Sociedade é exercida por uma Directoria composta de :

- Um Presidente ;
- Dous Vice-Presidentes (1º e 2º) ;
- Um Secretario Geral ;
- Dous Secretarios (1º e 2º) ;
- Dous Thesoureiros (1º e 2º).

§ 1.º A Directoria funcionará por um anno, sendo eleita annualmente pela Assembléa Geral ;

§ 2.º Todos servirão gratuitamente nessas funcções ;

§ 3.º A Directoria escolherá annualmente um Conselho Superior com o qual tem de trabalhar e o apresentará á sancção da Assembléa Geral.

Art. 6.º Os socios effectivos pagarão 50\$ (cincoenta mil réis) por anno, em prestações semestraes ou trimensaes para poderem ter direito á Revista ou Boletim da Sociedade e ás outras publicações de propaganda, e a votar e serem votados nas Assembléas Gerais ; e 30\$ (trinta mil réis) pelo diploma.

§ 1.º Além de doações em vida, a Sociedade pôde receber legados.

Art. 10. A Sociedade poderá prestar informações a qualquer instituto ou associação séria, que se occupe dos assumptos do seu programma, e a qualquer particular que verbalmente ou por escripto recorrer a ella. E instituirá premios de animação ao trabalho e de concursos de produções.

Art. 11. Os meios constantes de que se servirá a Sociedade para promover o adiantamento agronomico nacional são :

- § 1.º Reuniões da Directoria ;
- § 2.º Reuniões desta com o Conselho Superior ;
- § 3.º Conferencias publicas ;
- § 4.º Visitas aos lavradores, creadores e aos estabelecimentos de industrias ruracs e escolares ;
- § 5.º Visitas aos institutos correccionaes e penitenciarias de menores e adultos, onde possam ou devam ser applicados trabalhos ruracs ;
- § 6.º Publicações na imprensa diaria ;
- § 7.º Impressão de revistas, almanacks, livros didacticos, etc. ;
- § 8.º Investigações scientificas, technicas, economicas e estatísticas sobre assumptos do seu programma ;
- § 9.º Estudos especiaes sobre cada assumpto agronomico e consulta aos melhores especialistas em qualquer ramo de agronomia no paiz e no estrangeiro ;
- § 10.º Convocação de congressos agricolas.

Art. 12. A Directoria da Sociedade buscará obter dos poderes da União, estadoaes e municipaes, assim como das associações e de particulares, medidas legais, legislativas e executivas, e os recursos que possam contribuir para o progresso agronomico nacional.

Art. 18. § unico. As questões politicas e pessoas são absolutamente banidas da Sociedade.

Art. 20. A séde da Sociedade é na cidade do Rio de Janeiro.

Art. 27. Haverá uma sessão de assembléa geral ordinaria annualmente para julgar das contas e do relatorio da Sociedade e eleger a Directoria ; e assembléas extraordinarias sempre que forem convocadas pelo Presidente ou requeridas ou convocadas por dez socios preenchendo as condições do art. 6º.

SUMMARIO

	Page.
A LAVOURA.	1
<i>A Exploração Agrícola no Brazil.</i> — Dr. Germano . . .	2
COLLABORAÇÃO. — <i>Sériedicultura</i> — Dr. L. Pereira Barretto . . .	6
<i>A Tuberculose do Gado.</i> — Dr. S. Barradas	8
<i>Congresso dos Lavradores Paulistas</i> — Dr. Campos da Paz. . .	10
<i>A Peste dos Suínos.</i>	16
<i>Nova Moléstia do fumo.</i>	18
ENSINO AGRÍCOLA. — <i>Estrangeiras.</i> — Dr. Germano Vert	21
VARIÉDADES.	23
PREÇOS CORRENTES — <i>Adubos</i>	30
" " — <i>Grãos Nacionais</i>	30
" " — " <i>Estrangeiros.</i>	31
